

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Setembro - Outubro de 2009



Formosos pés
Mensagem especial para
o Dia do Pastor

A Trindade e a igreja

A comunidade cristã deve sua origem
e identidade ao relacionamento
com o Deus triúno

O papel bíblico do pastor, p. 27

Pregando em meio à tempestade, p. 14



IGREJA
ADVENTISTA
DO SETÍMO DIA



O roteiro de Deus para nós

Seguir um roteiro ou mapa nos garante uma viagem segura e a chegada sem transtornos ao destino. O Antigo Testamento provê semelhante roteiro para nosso pastorado. Habitamo-nos a ver o livro de Josué como uma dinâmica história de magnífica libertação, atos milagrosos e conquistas gloriosas. Ele é tudo isso e algo mais.

Em nossa imaginação, pintamos Josué como o poderoso guerreiro que ajudou Moisés, espiando a terra, lutando por justiça, liderando Israel na travessia do Rio Jordão e conquistando Jericó. Às vezes, o imaginei no apogeu de seus 40 anos de idade, mas ele já era bastante idoso quando Moisés morreu. Calebe, seu parceiro de espionagem, já tinha alcançado 85 anos. Assim mesmo, tendo acumulado bastante experiência, lá estava ele, em prontidão para submeter-se e seguir fielmente o roteiro estabelecido por Deus para seu ministério. Observe os marcos desse roteiro:

Deus falou a Josué (Js 1:1). Hoje, o Senhor ainda Se agrada em falar com Seus líderes escolhidos, assim como falou a Josué. De fato, orar não é apenas derramar nossas petições em Seus ouvidos, mas ouvir Sua voz falando ao nosso coração e mente. Como devemos responder? Ouvindo-O atentamente.

Deus instruiu Josué: “Agora, passa este Jordão, tu e todo este povo” (Js 1:2). Era a expressão do propósito que Ele tinha estabelecido para Seu povo: “Vocês estão aqui, mas quero que se dirijam para lá”. E, ao seguir as instruções divinas, o povo foi impulsionado para atingir a meta estabelecida – a terra prometida. Como devemos responder, hoje? Obedecendo às instruções.

Deus garantiu a vitória: “Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado... Ninguém te poderá resistir” (Js 1:3, 5). Líderes que seguem a direção de Deus são imbuídos de poder celestial. Nem forças humanas nem demoníacas terão qualquer vantagem sobre você, quando seus sonhos são os sonhos de Deus e você segue Suas instruções. Então, aventure-se!

Deus animou Josué: “Sê forte e corajoso,... não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda” (Js 1:6, 7). Líderes que desejam ser bem-sucedidos não podem oscilar entre duas opiniões. Eles devem permanecer firmes por uma coisa, ou fracassarão por qualquer coisa. Empenhe-se corajosamente, foi o que disse o Senhor. Portanto, aja.

Deus mostrou a condição para o êxito: “Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará maravilhas” (Js 3:5). Como pastores, somos chamados à santidade. A fé viva e experimental leva a Palavra de Deus a sério, antecipa vitórias e nos mantém na certeza de que Deus é fiel no cumprimento de Suas promessas. Antes de tudo, consagramo-nos a Ele.

Deus prometeu ampliar a influência de Josué: “Hoje, começarei a engrandecer-te perante os olhos de todo o Israel” (Js 3:7). Ou seja, “Eu o ajudarei a fazer grandes coisas.

Ampliarei seu ministério à medida que você permitir ampliar sua visão. Você pode confiar a Mim sua reputação”. Não tenha medo de sonhar alto.

Deus preparou o sucesso: “Tu, pois, ordenarás aos sacerdotes... Ao chegardes à borda das águas do Jordão, parareis aí” (Js 3:8). O milagre não ocorreu até que os líderes pararam junto ao rio. Há tempo de agir e tempo de esperar no Senhor, junto aos desafios, antecipando a libertação de Deus. Simplesmente, lidere o povo.

Deus ordenou o povo a memorizar Seus feitos (Js 3:8). Israel precisava memorizar os poderosos feitos de Deus. Assim, homens fortes transportaram pedras dos barrancos e estabeleceram um memorial para que as futuras gerações celebrassem ao Senhor. Sigamos o roteiro de Deus e celebremos o que Ele tem feito por nós. Somos Seus escolhidos, sacerdócio real. ▀

Líderes não podem oscilar entre duas opiniões. Ou permanecem firmes por uma coisa, ou fracassarão por qualquer coisa

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Revisoras:

Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Marcos S. Santos

Programação Visual:

Anderson Mendes

Capa (ilustrações/foto):

Thiago Lobo, João Luiz e Marcos Santos

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Ranieri B. Sales;

James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Edward Heindinger
Zevallos; Feliz Santamaria; Francisco C.
Bussons; Horácio Cairus; Ivanaudo B.
Oliveira; Ivancy Araújo; Jair Garcia Góis;
Montano de Barros Netto; Patrício B.
Alfaro; Samuel Jara; Valdilho Quadrado

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista *Ministério* deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 45,60

Exemplar Avulso: R\$ 9,50



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio, sem
autorização escrita do autor e da Editora.



A formosura de uma vocação

No capítulo 10 de sua epístola aos romanos, Paulo mais uma vez realça a Pessoa de Jesus Cristo como penhor da nossa justificação diante de Deus. Tendo enfatizado que, através de Cristo, essa experiência pode ser vivenciada indistintamente por todas as pessoas, o apóstolo apresenta os caminhos pelos quais é possível se chegar a ela: “Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão Aquele em quem não creram? E como crerão nAquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Rm 10:13-15).

Nessas palavras, o pregador emerge como figura indispensável no plano de Deus para divulgação do evangelho. Para que homens e mulheres O invoquem e recebam a salvação, primeiramente, necessitam ouvir as boas-novas transmitidas por aqueles que foram enviados. Temos ouvido exaustivamente que Deus pode cumprir esse objetivo valendo-Se do trabalho dos anjos, mas preferiu contar conosco, o que representa um inaudito privilégio concedido unicamente por causa da imensidão de Sua graça.

A expressão: “Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas” envolve a formosura do comprometimento, perseverança, dedicação e entrega à missão de levar o evangelho a todas as pessoas, em todos os lugares: montes, vales, campos empoeirados ou lamacentos, pelo asfalto ou por entre pedregulho, espinhos e flores, em ocasiões de pranto ou de riso, à plebe ou à elite. Originalmente utilizada por Isaías (52:7), a expressão se referia aos mensageiros que anunciavam a libertação dos judeus do cativeiro babilônico. Hoje, pode ser aplicada ao anúncio da libertação do cativeiro do pecado, franqueada a todos os indivíduos.

No dizer de Russell N. Champlin, “do ponto de vista do Céu, nada existe tão amável sobre a Terra como a propagação do nome de Jesus Cristo, a um mundo em necessidade. Esse trabalho pode ter, e geralmente tem mesmo, bem pouco do romance colorido que muitos imaginam. Geralmente essa tarefa leva o obreiro às circunstâncias mais estranhas e difíceis... com frequência será tentado a pensar que a viagem é grande demais para ele, levando-o a anelar pelo descanso para seus pés cansados e pesados. Porém, seu Senhor lhe diz o tempo todo: ‘Quão belos são os pés!’... E esse trabalho cumpre ser feito por aqueles que já O conhecem, pois, do contrário, não poderá ser realizado, sob hipótese alguma. ‘Não há outro nome..’ E também não existe outro método de evangelização” (*O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 3, p. 779).

A propósito de mais um Dia do Pastor (24/10), celebremos esse privilégio! Reflitamos nessa responsabilidade!

Zinaldo A. Santos

SEÇÕES



Foto: Jupiterimages / Stockxpert

9 FORMOSOS PÉS

Mensagem especial para o Dia do Pastor.

12 APARANDO ARESTAS

Sugestões que ajudam a superar eventuais conflitos no relacionamento pastoral.

14 PREGANDO EM MEIO À TEMPESTADE

Lições da experiência de um pastor que foi severamente provado.

17 A TRINDADE E A IGREJA

Estudo sobre o relacionamento entre a Divindade e seu reflexo na comunidade cristã.

21 MUDANÇAS NO CULTO

Como tornar a liturgia relevante, sem ferir suas raízes bíblicas (última parte).

25 A FÓRMULA DO EQUILÍBRIO ESPIRITUAL

Uma resposta às tendências pós-modernas da teologia na vida cristã.

28 O PAPEL BÍBLICO DO PASTOR

Conheça cinco características fundamentais do ministério pastoral efetivo.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO



“Do ponto de vista do Céu, nada existe tão amável sobre a Terra como a propagação do nome de Jesus Cristo a um mundo em necessidade.”

Russel N. Champlin

"Sou um pastor feliz"



Foto: Gentileza do autor

"Não posso parar. Fui ordenado até a morte. Como disse Paulo, 'ai de mim, se não pregar o evangelho!'"

por Zinaldo A. Santos

E impossível não apreciar ouvir o pastor Geraldo Marski, quer em palestras e sermões ou em diálogo informal. Visitá-lo em sua chácara, em Hortolândia, SP, repleta de árvores, flores e pássaros, com os quais garante dialogar com muito realismo, é garantia de receber boa dose de inspiração.

Nascido na Letônia, em 1913, ele chegou ao Brasil em 1922, juntamente com o pai, a madrasta e uma filhinha dela. A mãe tinha falecido em 1918. Como já estavam trabalhando e estudando, seus quatro irmãos ficaram na Europa, enquanto o recém-chegado grupo se estabeleceu em Benedito Novo, SC.

Durante 64 anos, o pastor Geraldo foi casado com a irmã Alaíde,

falecida no ano passado. Dessa feliz união nasceram os filhos pastores: Davi (jubilado), Arthur (Associação Rio de Janeiro) e Paulo (Associação Paulista Leste).

Com seu contagiante bom humor, nesta entrevista, ele conta parte de sua história e também partilha lições e conselhos aos pastores de ontem e de hoje.

Ministério: *Quando e como o senhor decidiu ser pastor?*

Marski: Quando eu tinha doze anos, tive meu primeiro contato com a Bíblia, aceitei Jesus como meu Salvador e decidi ser pastor, o que parecia ser impossível, pois como seqüela de uma estranha febre acompanhada de dor na perna direita que me aco-

meta, eu andava com dificuldade. Aos dezesseis anos, fui batizado e senti desejo de ir para o colégio como aluno bolsista. Aparentemente, era outro absurdo. Eu não sabia sequer uma palavra em português nem tinha recursos. Frequentemente, nossa igreja, em Benedito Novo, recebia visita de pastores que incentivavam os jovens a ir para o colégio, pois era necessário preparar pastores brasileiros. Naquele tempo, havia muitos estrangeiros. Mas, ninguém se dispunha. Certa ocasião, meu patrão me ofereceu ao diretor de Jovens e Educação de nossa União, mas ele me recusou, citando Malaquias 1:8, que se refere ao desagrado de Deus ao receber como oferta animal "coxo ou enfermo". Mas, não desanimei

nem deixei de continuar tentando. No início de 1933, recebemos a visita do pastor Henrique Stoehr que, sabendo do meu desejo, veio falar comigo. Dessa vez, tudo deu certo. Em setembro do mesmo ano, recebi o convite do colégio e para lá me dirigi, feliz da vida.

Ministério: *Que tal a experiência no colégio?*

Marski: Naquele tempo, o aluno bolsista trabalhava um ano para estudar no outro. Era muito trabalho. Durante o dia, eu trabalhava na lavoura e, de madrugada, ordenhava as vacas na leiteria. Depois de algum tempo, decidi colportar durante as férias. As primeiras tentativas de venda foram difíceis, mas perseverei e naquelas primeiras férias acabei conseguindo quatro estipêndios. Voltei ao colégio como aluno regular, passei a me dedicar mais aos estudos e estudar mais a língua portuguesa que era um ponto fraco. Vencendo todos os entraves, me formei em 1941.

Ministério: *E o início do trabalho?*

Marski: Na época em que concluí o curso teológico, o diretor do seminário me disse que eu jamais deveria ser pastor. Para ele, meu lugar era no escritório. Seu argumento era que os melhores tesoureiros eram alemães. Então, comecei trabalhando na tesouraria, trabalho que fiz com muito amor. Em 1942, a Divisão Sul-Americana investiu muito numa campanha evangelística, dirigida pelo pastor Walter Schubert, em Curitiba. Alugaram um auditório no centro da cidade, formaram uma boa equipe de obreiros bíblicos, mas o resultado não foi o esperado. Sendo as reuniões transferidas para a igreja, era necessário alguém para reavivar o interesse do povo, e eu fui indicado para ser obreiro bíblico. Esse foi um grande desafio. Procurei interessados entre familiares e amigos dos irmãos adventistas e, através

do trabalho pessoal, foram batizadas 25 pessoas. Esse número foi considerado extraordinário sucesso. Foi somente depois de sete anos que fui ordenado ao ministério. Havia quem achasse que isso não devia acontecer, por causa do meu defeito físico e da minha dificuldade com o idioma. Mas, Deus cuidou de tudo.

"O maior prazer que um pastor pode sentir é levar pessoas a Cristo"

Ministério: *Além de Curitiba, em que outros lugares o senhor trabalhou?*

Marski: Em seguida, fui para Siqueira Campos, Cambará e Jacarezinho, PR, Joinville, SC, e Londrina, PR. De Londrina, fui para Cuiabá, MT. Naquela ocasião, o Mato Grosso era uma região de sobrevivência difícil, mas o trabalho foi muito abençoado. Ali, fui nomeado presidente da Missão Mato-Grossense. Mas, não aceitei imediatamente. Respondi aos líderes que desejava ter um sinal de Deus a respeito do assunto. Sugeri que nomeassem outra pessoa. Se esta não aceitasse, eu iria. Tentaram dez colegas, nenhum aceitou. Então, finalmente, aceitei. E Deus, mais uma vez abençoou grandemente o trabalho.

Ministério: *De qual trabalho o senhor mais gostou: ser presidente ou ser pastor de igreja?*

Marski: Sempre amei ser pastor de igrejas. Levei muito a sério o conselho que ouvi de um líder da Associação Geral, ao falar para um grupo de administradores. Ele dizia que podíamos ser administradores, pois a igreja precisa deles. Porém, jamais deveríamos permanecer todo o tempo nessa função, a fim de não corrermos o risco de perder o encanto pastoral. E isso é verdade. O maior prazer que um pastor po-

de sentir é levar pessoas a Cristo. Tudo é importante, mas contribuir diretamente para a salvação de alguém é essencial, insuperável. Os que trabalham muitos anos no setor administrativo acabam tendo pouco tempo para estudar até mesmo a Bíblia. Como resultado, pregam sempre o mesmo sermão, perdem o gozo de ver pessoas convertidas diretamente pelo seu trabalho.

Ministério: *O senhor planejou e direcionou a criação de seus três filhos para que eles também se tornassem pastores, ou simplesmente aconteceu?*

Marski: Entre aquelas 25 pessoas batizadas na campanha evangelística em Curitiba, estava Alaíde, moça ex-batista que se tornou minha esposa. Eu tinha 29 anos e ela foi minha primeira namorada. Vivemos muito felizes até que a morte nos separou. Tivemos três filhos que também são pastores. Quanto à razão da escolha deles, digo o seguinte: Não premeditei nada, tudo aconteceu naturalmente. Porém, quando um pai sente feliz em seu ofício, a tendência dos filhos é segui-lo. Sempre fui um pastor feliz, minha esposa era feliz, mantivemos o hábito de fazer diariamente o culto familiar, nunca nos queixamos. Jamais nos permitimos criticar líderes ou quem quer que fosse diante dos filhos. Hoje, além dos filhos Davi, Arthur e Paulo, minha neta é casada com um pastor e o neto mais novo está no seminário. Então, logo seremos seis pastores na família.

Ministério: *Em que ano o senhor se aposentou e o que tem feito desde então?*

Marski: Aposentei-me no ano 1980 e continuo desfrutando muito bem meu pastorado. Não sou mais ativo como era antes, mas ainda faço pregações, semanas de oração, não me sinto esquecido nem tenho queixas. Atualmente, viajo livremente,

sem precisar voto de comissões ou permissão do presidente, embora necessite cuidados especiais por causa da locomoção em cadeira de rodas. Continuo a estudar, falar do amor de Deus e escrever. Sou amigo de crianças e jovens. Depois de aposentado, já fui às regiões norte e nordeste, ao exterior, para fazer semanas de oração e palestras em concílios pastorais.

Ministério: *Qual é a melhor lembrança que o senhor tem de seu pastorado?*

Marski: São muitas lembranças. Pessoas se convertendo, vidas transformadas, igrejas edificadas. Sempre tive muitos amigos e pude ajudar muitas pessoas. Gosto muito de lembrar da história de Pedrinho, um garoto de doze anos que conheci quando trabalhei em Londrina. Ele contraiu pênfigo foliáceo, ou “fogo selvagem”, que os índios também chamavam de “sopro do diabo”. Encontrei-o órfão de mãe, deitado no chão, apodrecendo da cabeça aos pés. Mal podia me aproximar dele, por causa do mau cheiro. Mesmo assim, chamei os repórteres de um jornal local, para que fizessem uma reportagem sobre o assunto. A notícia sensibilizou um empresário e ele se ofereceu para pagar um táxi aéreo, a fim de que o menino fosse para nosso Hospital do Pênfigo, em Campo Grande, MT. Um médico disse que não havia mais solução. O garoto nem podia se vestir, de modo que o enrolamos num lençol e o colocamos no porta-malas do avião. Quando chegamos a Campo Grande, nenhum taxista quis levá-lo para o hospital. Tive que apelar ao prefeito e ele ofereceu uma ambulância. Finalmente, o menino foi internado. Quando trabalhei em Mato Grosso, graças a Deus, tive a alegria de vê-lo curado. Ele ainda vive.

Ministério: *Existiu alguma coisa que lhe deixava triste?*

Marski: Poucas coisas, mas Deus reverteu tudo em meu favor. Uma coisa que me deixava muito triste, e ainda quase corta o coração, é ver a realização de campanhas evangelísticas e, depois, as pessoas deixarem a igreja por falta de cuidado. Parece que ainda temos muitas “parteiras” e poucas “babás”. Muita gente envolvida em conquistar as pessoas, mas pouca gente disposta a cuidar delas. Não existe trabalho melhor que trazer pessoas para a igreja e continuar lhes dando assistência, para que cresçam e sejam firmadas na fé que abraçaram. Não é apenas ajudar espiritualmente, mas, se for necessário, ajudar materialmente também. Acho que os pequenos grupos podem fazer muita coisa.

Ministério: *Quais são as diferenças que o senhor vê entre a igreja, os pastores de sua época e os de hoje?*

Marski: Não tenho dúvidas de que estamos vivendo nos dias da igreja de Laodiceia. Muitas pessoas não frequentam os cultos, não participam das atividades missionárias, só fazem figura. Quando há uma festa, todo mundo aparece, mas, depois, tudo cai na rotina de sempre. Porém, a Bíblia diz que a Terra toda será iluminada com a glória do Senhor, e haverá um reavivamento. Podemos dizer que os líderes estão trabalhando com esse objetivo. O “Projeto Esperança” está mobilizando a igreja e é um exemplo para o mundo. Não é preciso grande oratória, mas oração, dedicação, simplicidade e o poder de Cristo.

Ministério: *Um conselho para os pastores aposentados.*

Marski: Não enferrujar. Muitos estudam, colportam, trabalham muito nas igrejas. Depois, se mudam para algum lugar e ficam isolados, como se estivessem dizendo:

“Agora, minha alma, descansa, come, bebe e folga!” Até certo ponto, eles têm alguma razão porque a aposentadoria é tempo de descanso mesmo. Mas, o pastor não pode parar totalmente. Não posso parar. Fui ordenado até a morte. Como disse Paulo, “ai de mim, se não pregar o evangelho!” Continuem na simplicidade de Cristo, preguem, leiam bastante e, na medida do possível, continuem dando estudos bíblicos.

Ministério: *Um conselho para os pastores que estão em atividade.*

Marski: Não trabalhem pensando em coisas materiais. Sigam o conselho de Cristo: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33). Sejam humildes, simples como Cristo, dedicados ao trabalho. Puguem, visitem o povo, deem estudos bíblicos, orem e leiam bastante para que, quando ficarem velhinhos, ainda sejam procurados como conselheiros. Sempre digo às pessoas que me procuram: Não tenho prata nem ouro, mas posso orar. Nosso grande objetivo é levar pessoas para o reino de Deus. Essa deve ser nossa primeira preocupação. Farei 96 anos em novembro e não me preocupo se estarei vivo ou morto quando Cristo voltar. Numa ou noutra circunstância, eu O verei. Essa é minha bendita esperança. O que desejo é estar acompanhado de todos aqueles “que me deu o Senhor”, sejam familiares, sejam irmãos em Cristo. ■



Foto: Gentileza do autor



Carreira ou vocação?

Não existe maior privilégio do que trabalhar para Deus

Quando ainda somos jovens, costumamos imaginar que todas as coisas na vida são mais simples do que parecem. Mas, com o passar do tempo, deparamo-nos com a realidade e nos surpreendemos.

Aos 16 anos, eu imaginava que seria médica. Porém, quando comecei namorar um estudante do segundo ano do curso teológico, ocorreu grande mudança em meus planos. Ele era meu primeiro namorado, mas comecei a pensar em como harmonizaria minha profissão com o trabalho pastoral. Pensei nos intermináveis turnos de plantão nos hospitais e concluí que nossos planos não se concretizariam.

Após muita oração, cogitei optar pela odontologia. Eu poderia tratar das pessoas, não haveria plantões, teria condições de me dedicar ao ministério e à família, lado a lado com meu futuro esposo. Tudo parecia perfeito. Submeti-me ao exame vestibular, deixando a cargo de Deus ser aprovada ou não. Fui aprovada e iniciei o curso, com 17 anos recém-completados.

Após quatro anos de namoro e noivado e quatro de faculdade, nos casamos e eu fui diplomada. Contudo, desde o início de nossa vida conjugal, percebi que as coisas não seriam fáceis para mim, como dentista. Ter um consultório odontológico era algo muito dispendioso e transportar os equipamentos de um lugar para outro era praticamente impossível. Por isso, eu necessitava conseguir trabalho em prefeituras, sindicatos ou clínicas das cidades em que morávamos, o que era sempre um desafio. Muitas vezes, após conseguir o trabalho, em pouco tempo precisava pedir dispensa, por causa de algum chamado ou transferência.

Em qualquer profissão, nunca é fácil começar. Mas, passar a vida começando pode ser desgastante. Tenho vivido essa experiência durante quase três décadas.

Alguns colegas de ministério costumavam brincar com meu esposo, dizendo que ele devia estar muito

tranquilo financeiramente; afinal, era casado com uma dentista. Não acreditavam quando ele dizia que também tínhamos restrições econômicas. Meu esposo sugeria que eu mudasse de profissão e passasse a dar aulas. No entanto, a ideia não me entusiasmava. Eu não me sentia habilitada para ser professora.

Muitos anos se passaram. Sou formada há 27 anos. Porém, os problemas e o passar do tempo me fizeram entender algumas coisas muito importantes. Entre elas, cito as seguintes:

Deus não planejava que eu fosse profissional de saúde. Como eu gostava dessa área, Ele apenas me *permitiu* trabalhar nela, mesmo de forma esporádica.

O Senhor sempre supriu nossas necessidades. Deus sempre é fiel no cumprimento de Suas promessas. Os meios utilizados por Ele foram os mais diversos, mas, o Senhor sempre provia um meio para que tivéssemos tudo o que era necessário.

Ser esposa de pastor foi o que Deus planejou para mim. Talvez, eu tenha demorado um pouco para entender o verdadeiro plano que Deus tinha para minha vida. Mas, foi com indizível alegria que cheguei a essa conclusão. Acredite, isso foi muito importante para mim! Meu Deus não fez um chamado apenas ao meu esposo. Também fui chamada para o ministério pastoral ao lado dele. Fui escolhida pelo Senhor como sua ajudadora!

Nada sei a respeito de seu trabalho, seus rendimentos, nem se seus sonhos profissionais foram realizados ou não. Porém, sei de algo que aprendi por experiência própria: Não existe maior privilégio do que trabalhar para Deus. Muitas vezes, o envolvimento no trabalho pastoral me tem feito sentir que também sou "pastora" voluntária. E ver os frutos desse trabalho em parceria faz com que tudo tenha valido a pena. Sou imensamente agradecida a Deus pelo privilégio de trabalhar em Sua causa. ■



Formosos pés

Apesar das nossas fraquezas, Deus nos vê e nos avalia através dos méritos de Cristo, e nos faz arautos do Seu evangelho

“**Q**ue formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Is 52:7). Esse texto se encontra na segunda parte do livro de Isaías, que abrange os capítulos 46-66, na seção que trata da restauração de Sião (49:14-55:13) e na perícopes de 52:7-12 que é uma profecia sobre o retorno dos exilados a Jerusalém.

Assim, através do profeta Isaías (c. 740 a.C.), Deus previu não somente o cativo babilônico (586 a.C.-538 a.C.), mas também o retorno dos cativos e a reconstrução da capital, Jerusalém, obra empreendida por Zorobabel (talvez, o nome babilônico de Sesbazar, mencionado em Esdras 1:8, 11; 5:14, 16), Esdras e Neemias.

Deve-se notar que a perícopes de Isaías 52:7-12, que inclui o texto em análise, constitui-se uma introdução ao capítulo 53, que trata do “Servo Sofredor”, considerado uma alusão aos sofrimentos do Messias. Assim, essa perícopes trata do anúncio da libertação do povo de Deus em duplo aspecto: primeiramente, do cativeiro babilônico, e depois da libertação do pecado, através do Messias, Jesus Cristo.¹

Neste artigo, analisaremos o conteúdo de Isaías 52:7 bem como sua aplicação aos modernos “mensageiros de boas-novas”, ou seja, todos aqueles que ouvem o “Ide” comissionado por Jesus em Mateus 28:19 e aceitam o convite para trabalhar em Sua vinha (Mt 20:4).

O mensageiro

“Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas...”

Nos tempos antigos, o mensageiro ou arauto devia ter pés velozes, a fim de poder transmitir, com a máxima urgência possível, a mensagem da qual fora incumbido. Em caso de invasão inimiga, a comunicação de sua mensagem era crucial para que o exército fosse imediatamente de encontro ao inimigo. Em caso de anúncio de vitória ou de trégua acertada entre os contendores, a comunicação de que a guerra havia cessado trazia alívio às populações que se encontravam sob tensão e em sofrimento, devido à escassez de alimento e água. Nesse caso, não se prestava atenção à formosura dos pés de um mensageiro, e sim à sua eficácia, agilidade e velocidade.

* Em Isaías 52:7, porém, fala-se em “formosos pés”. Uma razão possível para isso talvez seja o teor da mensagem: anúncio de boas-novas, que envolve paz, coisas positivas, salvação e domínio de Deus, sobre o Universo, mas, acima de tudo, sobre os inimigos do Seu povo. Trata-se de um anúncio condutor de grande alegria ao povo, a ponto de os pés do arauto ser considerados “formosos”. Para os exilados judeus na Babilônia, aqueles que

lhes transmitiram o anúncio do decreto de Ciro em 538 a.C. foram mensageiros de pés “formosos”. Depois de longas décadas no cativeiro, finalmente despontara um novo dia de liberdade, permitindo-lhes o retorno a Sião.

Em uma aplicação secundária, formosos também são os pés de todos os que anunciam o evangelho, ou seja, as boas-novas do perdão e salvação encontrados em Cristo, como reconheceu o apóstolo Paulo: “E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Rm 10:15).

A verdade é que nenhum pregador é perfeito. Porém, através dos méritos de Cristo Jesus, Deus nos considera perfeitos. Ele avalia como sendo “formosos”, ou sem defeitos, não apenas os pés, aqui empregados como metonímia (a parte pelo todo), mas os próprios mensageiros. “Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, sereis então, por pecaminosa que tenha sido vossa vida, considerados justos por Sua causa. O caráter de Cristo substituirá o vosso caráter, e sereis aceitos diante de Deus exatamente como se não houvésseis pecado.”² Portanto, não apenas com respeito aos pregadores, mas em relação à Sua igreja como um todo, a avaliação de Cristo é a seguinte: “Tu és toda formosa, querida Minha, e em ti não há defeito” (Ct 4:7).

Quão importante é sabermos que, apesar de nossas falhas, Deus nos vê e nos avalia através dos méritos de Cristo Jesus, e nos usa como Seus arautos de boas-novas. Que grande privilégio é saber que, apesar de nossas fraquezas, Ele nos usa como “embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio” (2Co 5:20). A avaliação que Deus faz de Seus mensageiros é altamente positiva, pois a justiça de Seu Filho, Jesus Cristo, é a eles creditada. E, assim justificados, podem ser instrumentos para levar pessoas a Deus, o “justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3:26).

A mensagem

“...que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!”

“Que faz ouvir a paz” – O termo “paz” aqui empregado é *shalom*, cujo significado é “paz, bem-estar, tranquilidade, saúde”.³ Para os cativos judeus, não poderia haver notícia melhor, a de que Ciro havia decretado a volta deles para a pátria ancestral, onde deveriam desfrutar de bem-estar e tranquilidade. No entanto, mesmo em sua terra, os judeus não tiveram tanta paz quanto desejaram. No tempo de Ester, ainda sob o domínio persa, Hamã quase levou a cabo seu plano de destruir toda a descendência judaica.

Durante o domínio grego, através dos governantes selêucidas, houve a tentativa de descaracterizar a religião e cultura dos judeus, sendo necessária a revolta dos macabeus para que isso não acontecesse. E, sob o domínio romano, os judeus tiveram sua capital, Jerusalém, e seu templo destruídos na primeira revolta deles contra Roma. Finalmente, foram expulsos da Palestina, por causa da segunda revolta contra o jugo romano (132 d.C.-135 d.C.).

O pleno cumprimento do anúncio de paz somente acontecerá com a aceitação de Jesus, o “Príncipe da Paz” (Is 9:6), por parte de judeus e gentios. Como nunca antes, as pessoas estão à procura de significado, bem-estar e tranquilidade. Porém, nenhuma dessas coisas pode ser encontrada em promessas de políticos, sistemas de governo, ideologias, dinheiro, *status* nem em qualquer obra ou providência humana. A paz de que o ser humano necessita pode ser encontrada somente em uma Pessoa – Jesus Cristo: “Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14:27). Assim, a mensagem de que as pessoas podem desfrutar verdadeira paz é muito atual e deve ser proclamada como boa notícia a um mundo violento,

angustiado e sem rumo. Para isso, fomos chamados por Deus.

“Que anuncia coisas boas” – A expressão “coisas boas” é tradução de *tôb*, palavra hebraica que tem os significados de “bom, favorável, festivo, delicioso, agradável”.⁴ Aqui, o termo designa a bondade de Deus,⁵ manifestada em Seus atos salvadores, especialmente em mover o coração de Ciro para conceder liberdade aos cativos judeus. Na verdade, apesar de Sua justiça em permitir o cativo, por Sua misericórdia, Deus Se lembrou de Seu povo e Se mostrou “favorável” para com ele.

Mas, o anúncio de “coisas boas” também só é plenamente cumprido com o anúncio do evangelho, as “boas-novas” de que Deus, em Cristo, Se tornou “favorável” para com os pecadores, concedendo-lhes Sua graça (*châris*), ou seja, Seu favor imerecido.

“Que faz ouvir a salvação” – O vocábulo “salvação” é tradução de *yeshu'ah*, que significa “libertação”, “salvação”, e se refere principalmente à ação de Deus em ajudar.⁶ Esse vocábulo guarda estreita conexão com *Yehoshua'*, nome hebraico de Josué, cujo significado é “*Yahweh* é salvação”. Tal nome hebraico tem em “Jesus”, seu equivalente grego, e com o mesmo significado. O filho de Maria deveria ser chamado Jesus, “porque Ele salvará o Seu povo dos pecados deles” (Mt 1:21).

Para os cativos judeus, era motivo de regozijo saber que Deus lhes trouxera “salvação”, isto é, libertação do jugo babilônico, através de Ciro, Seu ungido (“messias”, cf. Is 45:1). Esse rei persa é símbolo do grande Ungido, o Messias Jesus de Nazaré, enviado por Deus para tornar a salvação disponível a toda humanidade. Para os que viveram ou vivem após a encarnação de Cristo, Seu ministério e morte sacrificial, é motivo de júbilo saber que, através do “Cordeiro de Deus” (Jo 1:29), há libertação da culpa do pecado (justificação), do poder do pecado (santificação) e, finalmente, por ocasião da

segunda vinda de Jesus, libertação da presença do pecado (glorificação). E essa mensagem não perdeu sua importância desde os dias de Isaías. Hoje, mais do que nunca, devem os mensageiros de Deus fazer soar o anúncio da libertação que é possível através de Cristo.

“Que diz a Sião: O teu Deus reina!” – O anúncio de que Deus está trazendo paz, coisas boas e salvação a Seu povo culmina com a certeza de que *Yahweh* reina. Os exilados judeus deviam ter em mente que Deus não havia perdido o controle dos eventos mundiais. Para muitos deles, pareceu que os deuses babilônicos tinham prevalecido sobre *Yahweh*, visto que Ele não impedira que Seu povo fosse vencido e levado para o cativo.

Yahweh havia permitido o cativo como Sua obra purificadora para o povo escolhido, para que este cumprisse seu papel de ser a luz do mundo e o sal da Terra. Mas, no momento certo, Ele interveio através de Ciro, Seu ungido, e resgatou Seu povo das mãos dos babilônios. “Mesmo que não pareça, Deus rege os assuntos terrestres. Seu poder para livrar Seu povo e, mais tarde, o triunfo do evangelho, provam que Ele reina, e não Satanás.”⁷

Mas o cumprimento pleno dessa profecia sobre o reinado de *Yahweh* ainda está no futuro. Ocorrerá quando, após o Milênio, Satanás, os anjos rebeldes e os perdidos se prostrarem diante de Cristo, confessando que Ele é o Senhor (Fp 2:10, 11).

Arautos modernos

Os modernos anunciadores do evangelho também devem proclamar que Deus ainda controla os eventos do mundo. Ele permite a obra do mal até o momento em que todos no Universo vejam quem Ele é e quem é Satanás, o facínora, inimigo do bem. Assim, o mal não terá a última palavra. Cristo reina hoje no coração dos que O aceitam como Deus e Senhor. E logo Se assentará no trono de Sua glória, como “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap 19:16).

Deus poderia fazer com que, num momento, num abrir e fechar de olhos, todas as pessoas compreendessem o evangelho. Poderia empregar anjos para evangelizar o mundo. Mas, preferiu contar com você e comigo, caro pastor, humanos e imperfeitos modernos arautos do evangelho. Deus nos capacita para essa obra. Ele purifica nossa vida (Is 6:6, 7), dará poder e agilidade aos nossos “pés” (Hc 3:19), ou a qualquer outro órgão do corpo utilizado na pregação do evangelho.

“Somos embaixadores em nome de Cristo”

Desejamos ardorosamente que o mal seja logo extirpado da experiência humana e que o reino eterno de Deus seja estabelecido. Então, cumpramos fielmente nosso bendito papel de anunciadores das boas-novas de que, através de Cristo, a paz é possível, coisas realmente boas podem acontecer, a libertação do pecado é uma realidade e que Deus ainda tem sob Seu controle os eventos do mundo. No momento certo, Ele, mais uma vez, intervirá na História da humanidade, para levar Seus exilados filhos para a Sião celestial.

“Vê! São os pés de um arauto apressando-se sobre os montes, com boas-novas de alegria, com notícias de alívio, dizendo em voz alta a Sião: ‘O teu Deus reina!’”⁸

Referências:

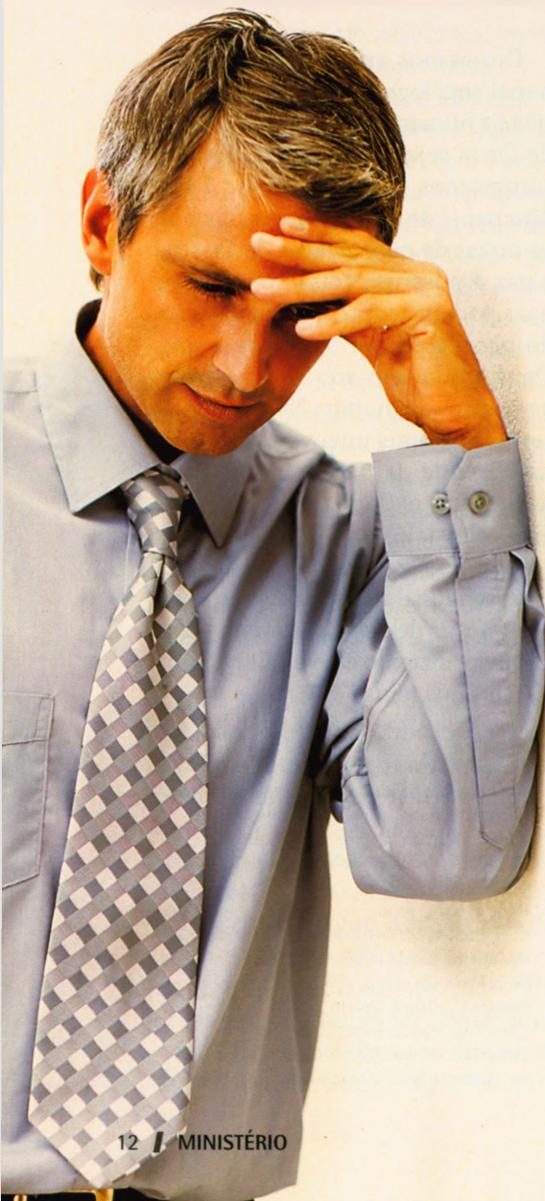
- Francis D. Nichol, ed., *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia* (Boise: Pacific Press Publishing Association, 1985), v. 4, p. 325.
- Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, p. 62.
- W. E. Vine, *Cicionário de Vine* (Rio de Janeiro: CPAD, 2003), p. 217.
- Ibid.*, p. 55.
- C. H. Pfeifer, *Dicionário Bíblico de Wycliffe* (Rio de Janeiro: CPAD, 2007), p. 323.
- W. E. Vine, *Op. cit.*, p. 276.
- Francis D. Nichol, *Op. cit.*, p. 325.
- Conforme traduzido por R. E. Price, *Comentário Bíblico Beacon: Isaías a Daniel* (Rio de Janeiro: CPAD, 2005), v. 4, p. 158, 159.



Professor de Antigo Testamento na Universidade Adventista de Montemorelos, México

Aparando arestas

Caso seja tentado a se julgar injustiçado, aprenda como dar a volta por cima



Está você se sentindo desvalorizado, preterido, ou explorado por aqueles que detêm o poder? Tem sua ordenação sido adiada por causa de rumores infundados? Já foi removido de um cargo ou indicado para outra área de trabalho, sem que lhe fosse apresentada uma justificativa pertinente, ou sem que o processo fosse desenvolvido dentro de padrões considerados regulares? Em resumo: Sente-se injustiçado?

Na verdade, mesmo pastores podem, às vezes, experimentar tratamento injusto ou, pelo menos, que julgam ser injusto. Tanto na igreja local como no círculo mais amplo do trabalho pastoral, em que se espera não haver práticas injustas, eles podem se julgar vítimas de injustiça tanto da parte de membros da igreja, colegas de trabalho, como de seus superiores.

Se esse é o seu caso, aqui estão algumas sugestões destinadas a orientá-lo sobre como reagir ao problema.

“Vai... entre ti e ele só”

Fale com a pessoa ou solicite oportunidade de ser ouvido pela comissão que você julga havê-lo tratado injustamente. Siga o princípio enunciado por Jesus: “Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão” (Mt 18:15). Converse gentil e privativamente com a pessoa envolvida. Exponha ou procure saber o que aconteceu e diga como você se sente. Dialogue tendo em mente encontrar uma solução imparcial. Nessa conversa, todas as dúvidas pendentes devem se removidas. Pode ser também que você passe a ver as coisas a partir de uma perspectiva diferente e compreenda as razões do que aconteceu. Interpretações erradas ou pensamentos negativos a respeito de atitudes individuais ou decisões de alguma comissão podem contribuir para instalar e alimentar ressentimentos no coração, durante muito tempo. E isso faz muito mal.

Não raro, obtemos informações de segunda mão, que podem ser inexatas e mal-interpretadas sobre aqueles que, supostamente, falaram ou agiram contra nós. Assim, falar diretamente com as pessoas envolvidas é o melhor caminho para buscar a reconciliação.

Em certa ocasião, minha esposa e eu julgamos injusta a decisão que uma comissão tomou em relação a ela. Depois de hesitar, resolvi falar com um dos líderes e acabei compreendendo que a atitude aparentemente injusta estava correta.

Ande a segunda milha

Faça seu melhor para retificar o erro, corrigir a injustiça. Se for preciso, ande a segunda milha. Procure a liderança superior, caso a pessoa ou comissão responsável pelo suposto ato injusto não se deixar persuadir. Lembre-se: seu objetivo deve ser corrigir a injustiça, não acomodar a decisão a propósitos egoístas. Porém, se depois que você fizer seu melhor e nada acontecer, deixe o assunto nas mãos de Deus. Ele tem planos melhores para sua vida: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jr 29:11).

Pode ser que não sejamos plenamente capazes de entender os planos de Deus para nós, especialmente quando nos encontramos magoados. Contudo, devemos confiar nEle em qualquer situação. Seus propósitos são infinitamente superiores a tudo o que possamos imaginar. Lembrome de uma professora que, sem ser consultada, foi transferida para outro trabalho que lhe era indesejável. Embora, inicialmente, estivesse amargurada, a transferência pavimentou o caminho para que ela encontrasse o homem com quem se casou.

Interrompa o ciclo

Paulo nos lembra outro importante princípio a ser considerado, quanto a este assunto: “Não te deixes vencer

do mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12:21). Você pode interromper o ciclo do tratamento injusto, na igreja ou na sociedade, assegurando-se de agir com lealdade e justiça em relação às outras pessoas. A mudança pode começar com você.

Esse princípio é bem ilustrado na vida de Nelson Mandella, ex-prisioneiro político na África do Sul. Logo depois de ser libertado da prisão, Mandella – que posteriormente se tornou presidente daquele país – tratou de agir para estancar o fluxo de injustiças em seu país, decidindo não se vingar dos antigos inimigos. O modo como ele pagou a injustiça recebida foi estendendo a mão da reconciliação e do amor ao governo separatista da África do Sul.

Siga o supremo exemplo

Aprenda de Jesus, que também foi injustiçado. Ele não merecia ser tratado como criminoso nem ser pregado na cruz. Porém, apesar da injustiça, Ele não fez retaliações. Ao contrário, confiou tudo às mãos do Pai, o justo Juiz.

Olhando a Jesus podemos obter suficiente conforto, durante nosso período de provas. “Sejam quais forem vossas ansiedades e provações,

exponde o caso perante o Senhor. Vosso espírito será fortalecido para a resistência. O caminho se abrirá para vos libertardes de todo embaraço e dificuldade. Quanto mais fraco e impotente vos reconhecerdes, tanto mais forte vos tornareis em Sua força. Quanto mais pesados os vossos fardos, tanto mais abençoado o descanso em os lançar sobre vosso Ajudador” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 72).

Vivemos em um mundo injusto e, algumas vezes, até na igreja podemos sofrer injustiça. Contudo, em meio a isso, conhecemos Alguém que simpatiza conosco. Nem sempre podemos esperar justiça em nosso mundo, mas temos a segurança de que, no fim, esse Alguém executará julgamento justo em favor dos Seus santos.

Em meio a supostas ou reais injustiças a nós infringidas, podemos desfrutar paz e tranquilidade, confiando tudo a Deus, assim como Cristo entregou Seu caso nas mãos do Pai, “pois Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-Se Àquele que julga retamente” (1Pe 2:23).

Quer um conselho? Vá e faça o mesmo. ▀





Pastor da igreja de Sligo,
Takoma Park, Estados Unidos

Pregando em meio à **tempestade**

*Algumas vezes, Deus não muda as
circunstâncias porque deseja que
elas nos transformem*



Durante mais de 25 anos pastoreando igrejas, tenho feito muitas visitas em hospitais. Em sua maior parte, essas visitas têm sido feitas simplesmente para compartilhar uma palavra de encorajamento a algum irmão enfermo. Porém, tem havido momentos em que brotam lágrimas não apenas dos meus olhos, mas também de minha alma. Certamente, você também conhece aqueles momentos em que um médico chega para informar a família sobre os prognósticos da doença e nem sempre trazem boas notícias. Em geral, nessas ocasiões, ficamos totalmente abalados em nossos sentimentos e sem palavras, apesar de tudo o que aprendemos durante os anos em que frequentamos o seminário.

Descobri que, durante esses momentos, o tipo mais efetivo de ministério que podemos oferecer é nada mais que o ministério da presença. Embora visitar doentes e sofrendores, em muitos casos, seja uma experiência penosa, na melhor das hipóteses, os anos vividos no pastorado têm me ensinado a administrá-la com certo grau de profissionalismo e boa dose de graça.

Mas, há um tipo de visita para a qual ainda preciso aprender muito. Foi justamente o que experimentei tempos atrás, quando tive que fazer mais do que meramente partilhar uma palavra de encorajamento a um membro da igreja, deitado num leito de hospital, a quem o médico explicaria o prognóstico da enfermidade. Daquela vez, a paciente era minha esposa, Maureen.

Apesar de todos os anos de treinamento ministerial e trabalho, sem falar das incontáveis visitas em hospitais realizadas em todos esses anos, nada me havia preparado para receber a notícia que recebi naquela noite. O diagnóstico da doença de minha esposa foi: esclerose múltipla. E os prognósticos não eram animadores. Fiquei tão atordoado quanto Maureen. Embora eu tivesse percebido que a notícia caiu sobre ela como uma tonelada de tijolos, tam-

bém pude ver seu olhar de coragem, como se reunisse toda força e serenidade suficientes para dizer: “Não há problema”. Por um momento, me pareceu que ela estava manifestando a certeza de que tudo acabaria bem.

Porém, a mesma coisa não poderia ser dito a meu respeito. Não havia olhar de coragem em meus olhos – apenas temor. Fiz o máximo para escondê-lo, mas não consegui. Meu coração batia tão fortemente que cheguei a pensar que o som de suas batidas pudesse ser ouvido além das paredes do hospital. Orei silenciosa e rapidamente para que Deus me acalmasse; afinal de contas, eu era o pastor. Talvez, Ele pudesse levar em consideração todos os anos de fiel serviço prestado ao Seu povo. Talvez, eu pudesse receber algum tipo especial de graça. Contudo, logo aprendi que esse não seria o caso. Eu estava em meio a uma tempestade que não iria passar e, como perceberia depois, permaneceria durante mais tempo do que eu imaginava.

O fato é que tempestades desse tipo não são novidades na vida de um pastor. Na verdade, já estamos acostumados a enfrentar muitas delas. Pode ser, por exemplo, a tempestade de um irmão difícil que acredita que seu trabalho inclui manter firmemente nossos pés no caminho da humildade, ou pode ser a tempestade de alguma controvérsia teológica, ventos de conflitos doutrinários soprando entre a congregação.

No púlpito

Porém, a tormenta em que eu acabara de entrar era diferente. Ela não se espalhara por entre os bancos da igreja, mas atingira seu púlpito. Sendo pastor, estou acostumado a ouvir histórias de sofrimento narradas por meus irmãos, quando as tempestades da vida se abatem sobre eles. Tenho ouvido com grande interesse o testemunho deles sobre como Deus os tem guiado, bem como as muitas lições que tais experiências lhes têm ensinado ao longo dessas dificuldades. Mas, agora, era minha vez.

Logo descobri que o fato de caminhar por uma tormenta de tal magnitude tem seu modo de nos ensinar valiosas lições. Aprendi isso naquele dia, junto ao leito em que minha esposa repousava. Descobri que nada existiu em meu treinamento ministerial para me ajudar a navegar pela turbulência de uma tempestade que atingiu tão inesperadamente minha família. Se alguma aula foi dada sobre esse tema, deve ter sido num dia em que eu estive ausente.

Acredito que uma das razões de os pastores sentirem dificuldade em administrar situações semelhantes é que nosso papel normalmente inclui ministrar a outras pessoas. Normalmente somos chamados para ficar ao lado de um doente ou sofrendor, dizendo-lhe palavras de esperança e conforto. A dor que testemunhamos é real, mas por alguma razão, nos sentimos protegidos dela.

Devo admitir que em algumas ocasiões, tenho agido apenas por impulso, dever profissional, dizendo as palavras certas, mas não me permitindo “sentir” a dor do paciente. Algumas vezes, faço isso como mecanismo de defesa, para não me permitir ser abatido pela dor. E, nesse ponto, precisamos ser cuidadosos, porque em nosso trabalho, gastamos grande parte do tempo no mesmo quarto com a dor. Mas, de todas as lições que essa experiência me ensinou e continua a ensinar, uma é crucial: se devo caminhar através dessa tempestade, necessitarei de muita paciência para cumprir honestamente minha parte.

Enfrentando a tormenta

Algumas vezes, supervalorizamos os elogios que recebemos das pessoas. Considerando que, às vezes, trabalhamos na área do sobrenatural, tendemos a pensar que somos imunes a muitos desafios que nossos irmãos enfrentam em seu dia a dia. A tempestade que me atingiu trouxe-me à lembrança a realidade de que eu não sou super-homem, mas apenas um filho de Deus, pecador salvo por

Sua graça, necessitado dos mesmos conselhos e conforto que costumo estender a outras pessoas em tempos de necessidade.

Também tive que encarar o fato de que houve ocasiões em que eu deveria ter sido mais espiritual e pastoral. Para ser bem honesto, houve momentos em que eu nem era capaz de procurar conforto na Palavra que tanto preguei a outros. E a verdadeira honestidade diante de Deus é bem pertinente aqui, porque, durante alguns momentos tive que manter sob controle minha personalidade pastoral e me permitir ser mais transparente com outras pessoas, comigo mesmo e, acima de tudo com Deus.

Devo admitir que houve momentos em que me senti como os discípulos surpreendidos pela tempestade, à noite em alto mar, e me encontrei gritando: “Mestre, não Te importas que pereçamos?” (Mc 4:38). Também houve ocasiões em que tive de me chamar à atenção, por causa dos meus sentimentos de desânimo e tristeza. Afinal, um pastor jamais deve se sentir assim. Porém, o que realmente fez diferença foi quando um colega de pastorado me fez lembrar de que Deus verdadeiramente compreendia o que eu estava passando. Não apenas compreendia, mas, como disse meu colega, também estava cuidando de tudo.

Achei curioso e interessante que, embora eu não me encontrasse motivado a ler a Bíblia, estranhamente fui procurar conforto na leitura dos sermões que eu tinha pregado ao longo dos anos. De algum modo, ler as palavras que Deus me havia inspirado a dizer a outras pessoas, então, se tornou uma transbordante fonte de força e conforto para este desencorajado pregador.

Aprendizado com a igreja

Provavelmente, a seguinte lição foi a mais difícil e humilhante de todas. Naquela ocasião, entendi que precisava ser honesto com minha congregação. Inicialmente, foi muito

difícil aceitar que, enquanto eu estivesse no meio da tempestade, não estava em condições de providenciar o nível de ministério que aqueles irmãos precisavam e mereciam.

O pastor é apenas um filho de Deus, necessitado dos mesmos conselhos e conforto que dá a outras pessoas

Por causa da rápida progressão da doença de minha esposa, concluí que necessitava me afastar do trabalho durante algum tempo, de modo que eu pudesse cuidar dela, da família e de mim mesmo. Às vezes, temos dificuldade de compreender o momento em que precisamos buscar assistência especializada para nós mesmos, antes de nos acharmos capazes de atender os outros.

Porém, devo dar crédito a quem merece. Meus líderes insistiram para que eu tirasse licença do trabalho, a fim de ter tempo para ministrar à minha esposa e minhas três filhas e, também, a mim mesmo. Não sei o que faríamos sem a família da igreja. Todos foram maravilhosos; foram como verdadeira fortaleza para nós, em muitos sentidos. Esse episódio me ensinou que, mesmo sendo pastores, se permitirmos, os irmãos são capazes e solícitos para ministrar a nós, durante nossas ocasiões de crise pessoal.

Necessitamos aprender a lição do ministério do apóstolo Paulo. Ele compreendeu que, em nosso trabalho, nunca deverá haver um tempo em que nos sintamos envergonhados de pedir: “Irmãos, orai por nós” (1Ts 5:25). Houve dias em que eu nem podia orar por mim. Mas, durante esse tempo, as orações daqueles fiéis santos me sustentaram.

Passaram-se quase dois anos desde que Maureen e eu recebemos a notícia naquela tarde fatídica, ape-

nas para descobrir, um ano depois, que o diagnóstico estava errado. Em vez de esclerose múltipla, os exames mostraram que ela possui uma doença neurológica diferente que, de muitas formas, é mais desafiadora que o diagnóstico original. Mas Deus é muito bom. Embora ela tenha sido obrigada a deixar seu trabalho de enfermeira, seja obrigada a usar bengala e, algumas vezes, andar em cadeira de rodas, sua fé em Deus continua firme.

Quanto a mim, voltei ao trabalho e a igreja estava intacta. A única diferença é que voltei com diferentes perspectivas a respeito de meu Deus, meu ministério e de mim mesmo. Enfrentar uma tormenta de tal magnitude é uma experiência que desafia não apenas o modo como vemos as circunstâncias, mas também como nos vemos. Às vezes, Deus não muda as circunstâncias porque Ele deseja que elas nos transformem. Como diz um cântico, “algumas vezes Ele acalma a tempestade, noutras vezes Ele acalma Seus filhos”.

Não me tenha por mal. Minha tempestade está muito longe de passar. Há dias em que minha fé oscila e eu experimento o que chamo de “momento Jó”. Mas, descobri que a chave para suportar a prova consiste no aprendizado de como pregar através dela. E isso não significa necessariamente pregar do púlpito, embora em algumas ocasiões esse possa ser o caso. Acima de tudo, pregar através da tempestade significa colocar uma renovada confiança na Palavra de Deus e permitir que ela nos fale.

Minha esposa ainda luta com vários desafios peculiares à sua doença. E, à parte de algum ato milagroso de Deus, ela enfrentará essa batalha pelo resto da vida. Porém, ela sempre diz: “Embora eu tenha esta doença, ela não me possui”. Que palavras encorajadoras para mim! Ainda mais porque brotaram dos lábios e do coração do membro mais importante de minha igreja. ▀



Professor de Teologia na
Universidade Loma Linda,
Califórnia, Estados Unidos

A Trindade e a igreja

*Através do Espírito, aqueles que estão
em Cristo participam do relacionamento
que o Filho desfruta com o Pai*

Uma compreensão trinitária de Deus tem grandes implicações para todo o conjunto de doutrinas bíblicas, mas sua ligação com a doutrina da igreja é muito significativa. Na verdade, a Trindade e a igreja estão intimamente ligadas. Foi a experiência de Deus na comunidade de fé que deu realce à compreensão trinitária de Deus. E uma compreensão trinitária de Deus ilumina a origem e natureza da igreja bem como influencia sua vida prática.

Conforme uma fórmula antiga, tudo de Deus está envolvido na ação de cada membro da Trindade. Deus

trabalhou através do Filho e do Espírito para trazer a igreja à existência. Como disse Martinho Lutero, “é trabalho do Espírito Santo fazer a igreja”.¹ Essa atividade comum algumas vezes é descrita como “duas missões divinas” – o envio do Filho e o envio do Espírito – e essas duas missões estão intimamente relacionadas.

O papel do Espírito nos eventos da igreja primitiva é bem conhecido. O livro de Atos começa com a promessa da vinda do Espírito (At 1:5, 8). Em seguida, o Pentecostes capacitou os primeiros cristãos, habilitando-os a falar em outras lín-

guas e “com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus” (At 4:31). Nesse livro, os cristãos foram descritos como “cheios do Espírito” (At 2:4; 4:31; 7:55). O Espírito os levou a viajar e pregar, alcançando gentios e convencendo os líderes quanto às obrigações deles na igreja (At 15:28, 29). As muitas referências sugerem que a figura central no livro é o Espírito Santo, não os apóstolos e outros seguidores de Cristo.

Embora pensemos no Espírito Santo descendo sobre os discípulos depois do ministério terrestre de Jesus, Suas ações na igreja primitiva foram continuação do que Ele realizou na vida de Cristo.

O propósito de Lucas, no livro de Atos, foi mostrar essa realidade. A atividade do Espírito envolveu o nascimento de Cristo. Nos primeiros capítulos de Lucas, lemos que João Batista, Isabel e Zacarias foram cheios do Espírito (Lc 1:15, 41, 67). O Espírito Santo deu a Simeão uma percepção especial e o impeliu a ir ao templo no momento certo (Lc 2:25, 26).² E houve também a maior de todas as manifestações, o anúncio do nascimento de Jesus (Lc 1:35). Jesus seria cheio do Espírito Santo, desde o nascimento, assim como João Batista também o foi desde o ventre materno (Lc 1:15).

De acordo com Atos 10:38, Deus ungiu Jesus de Nazaré com Espírito Santo e com poder. O Espírito desceu sobre Ele por ocasião do batismo e permaneceu durante toda Sua vida. Cheio do Espírito, foi levado ao deserto para ser tentado (Mt 4:1). Na sinagoga, anunciou: “O Espírito do Senhor está sobre Mim” (Lc 4:18). Após a missão dos setenta, “exultou Jesus no Espírito Santo” (Lc 10:21). O Espírito Santo também esteve ativo na morte e ressurreição de Jesus. De acordo com Hebreus 9:14, Cristo Se ofereceu a Deus “pelo Espírito eterno”. E, em Romanos 1:4, nos é dito que Jesus “foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos”.

Após a ressurreição, Jesus “soprou” sobre os discípulos e disse: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20:22). O mesmo poder que agiu durante Sua vida terrestre continua na vida da igreja por Ele fundada e, através do Espírito, Ele mantém Sua presença no mundo. Os seguidores de Cristo vivem pelo poder do Espírito Santo. Paulo afirma: “Se habita em vós o Espírito dAquele que ressuscitou a

“Ao enviar o Filho e o Espírito, Deus cria uma comunidade que reflete e amplia Seu amor”

Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do Seu Espírito que em vós habita” (Rm 8:11). O Espírito Santo dá aos cristãos uma nova dinâmica de vida, novo poder interior, nova vida, a vida da ressurreição (2Co 5:17).

Além disso, o Espírito Santo une Cristo e Seus seguidores com laços inquebrantáveis. Cristo vive neles; e eles, em Cristo e, por causa de Sua ligação com o ministério de Cristo no mundo, o Espírito Santo recebe uma nova identidade: “o Espírito de Cristo” (Rm 8:9, 10). Segundo um erudito, “habitar em Cristo... é também habitar no Espírito. Habitando Cristo em nós, também habita o Espírito”.³

Há outras passagens que evidenciam a íntima ligação entre Deus o Pai, o Filho e o Espírito. De acordo com João e Paulo (Jo 14:26; 15:26; Gl 4:4-7), o envio do Espírito é paralelo ao do Filho. E João atribui o envio do Espírito ao Pai e ao Filho. A designação dAqueles que enviam (“Deus o Pai” e “Cristo”), e dAqueles que são enviados (o “Filho” e o “Espírito”) indica que a totalidade divina está envolvida na história da salvação. Assim, a comunidade criada pelo Espírito Santo como continuação da missão de Cristo no mundo deve sua existência às ações salvíficas do Deus triúno.

Salvação e vida divina

A associação entre Pai, Filho e Espírito no plano da salvação nos diz algo importante sobre a vida de Deus. Os primeiros cristãos chegaram a essa conclusão enquanto buscavam compreender a divindade de Cristo. Atrás da questão: “Jesus Cristo é divino?”, reside outra mais básica, ou seja, “é a salvação obra de Deus, ou Ele enviou um subordinado para operá-la?” Ao defender a divindade de Cristo, a igreja primitiva afirmou que a salvação é obra de Deus, não de um Ser subordinado.⁴ Em outras palavras, Deus tanto nos amou que entrou na história humana na pessoa do Filho para nos reconciliar com Ele.

Então, deve haver uma ligação íntima entre a atividade salvífica de Deus e Sua vida interior. Conforme Jesus disse aos discípulos: “Quem Me vê a Mim vê o Pai” (Jo 14:9). Ou seja, em Jesus, Deus Se revelou como realmente é. O plano da salvação manifesta que o amor é a característica central de Seu próprio Ser.

A convicção de que a revelação de Deus em Jesus Cristo foi uma genuína autorrevelação impregna o recente debate sobre a Trindade. Karl Barth afirmou: “Deus está entre nós em humildade, nosso Deus, Deus para nós, como Aquele que é nEle mesmo, no mais profundo íntimo de Sua divindade... Condescendendo em Se dar a nós mesmos em Jesus Cristo, Ele existe, fala e age como Aquele que é desde a eternidade e assim o será.”⁵ De acordo com Eberhardt Jüngel, a encarnação “não é um segundo acontecimento próximo ao Deus eterno, mas é o evento da própria deidade”.⁶ Para Wolfhart Pannenberg, os atos de Deus na história da salvação revelam que Sua realidade interior consiste de “relações concretas de vida”.⁷ E Jürgen Moltmann disse: “Deus aparece na história tanto como o Pai que envia como o Filho enviado... As relações entre a história discernível e visível de Jesus e o Deus a quem Ele chamou de ‘Meu Pai’ correspondem à relação do Filho com o Pai na eternidade”.⁸

Se os eventos da história da salvação têm sua contrapartida na vida do próprio Deus, então a comunidade cristã deve sua identidade e origem ao relacionamento com o Deus triúno. A atividade de Deus Pai, Filho e Espírito não apenas originou a igreja; repartiu com ela a característica essencial do caráter divino – Seu amor.

Natureza da igreja

A convicção de que os eventos originadores da igreja, a missão do Filho e do Espírito são manifestações da vida de Deus nos leva a refletir sobre a natureza da igreja. A ligação entre a comunidade cristã e a vida de Deus se torna aparente nos discursos de despedidas do quarto evangelho e na primeira epístola de João.

As várias afirmações sobre amor nesses documentos parecem seguir um modelo dinâmico. Elas se movem entre os temas, ligando-os cada vez mais em complexas relações: amor mútuo entre os irmãos da igreja; o amor deles por Deus e de Deus por eles; amor que une a divindade, ou seja, entre o Pai e o Filho.

A qualidade distintiva da vida na comunidade cristã é o amor. “Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13:35). O amor se torna o aspecto essencial que põe os seguidores de Cristo à parte de outros grupos. Aqueles que se imaginam parte da comunidade, mas, não se amam, estão se enganando. “Todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão” (1Jo 3:10). Por outro lado, “nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (v 14).

Não é o amor em si mesmo, nem qualquer tipo de afeição que identifica os seguidores de Jesus, mas o amor com que Ele os ama estabelece o modelo para seu amor uns para com os outros. “Assim como Eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (Jo 13:34). “O Meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos

amei. Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15:12, 13). Os seguidores de Cristo devem estar preparados para se amar até o fim, assim como Ele “amou-os até o fim” (Jo 13:1).

O amor de Jesus pelos discípulos expressa o amor do Pai por eles. “Porque o próprio Pai vos ama, visto que Me tendes amado e tendes crido que Eu vim da parte de Deus” (Jo 16:27). Esse amor flui através do Filho para a comunidade cristã.

As afirmações de Jesus a respeito de Sua relação com o Pai e com Seus seguidores indicam que Ele deseja que esses seguidores desfrutem com Deus a mesma relação que Ele desfruta. Assim como o Pai vem aos discípulos na pessoa de Jesus, Jesus os leva ao Pai. “Aquele que Me ama será amado por Meu Pai, e Eu também o amarei e Me manifestarei a Ele. ... Se alguém me ama, guardará a Minha palavra; e Meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada” (Jo 14:21, 23).

O amor que Jesus tem por Seus seguidores reflete o amor que Ele e o Pai têm entre Si. “E como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós... Eu lhes tenho transmitido a glória que Me tens dado, para que sejam um, como Nós o somos; Eu neles, e Tu em Mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que Tu Me enviaste e os amaste, como também amaste a Mim” (Jo 17:21-23). João também fala do amor mútuo entre os cristãos e deles para com Deus: “Para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo” (1Jo 1:3). Assim o amor que cria a comunidade cristã manifesta e estende o amor que é a própria vida de Deus.

Essa linha de pensamento nos leva a concluir que a dinâmica central da comunidade cristã não apenas é semelhante à dinâmica essencial da vi-

da de Deus, mas seus membros realmente partilham desta vida. O amor que flui entre o Pai e o Filho também flui através da igreja. A ideia de que a igreja participa na vida de Deus flui naturalmente a partir das palavras de Cristo aos discípulos. Na vida e no ministério de Jesus, e sua continuidade na igreja, verdadeiramente encontramos “Deus conosco”.

Para muitos que partilham dessa convicção, o elo fundamental entre a igreja e a vida de Deus reside na obra do Espírito Santo. Com disse Robert Jenson, “a igreja existe como comunidade e não como simples grupo de indivíduos piedosos, porque o Espírito une a Cabeça com o corpo de Cristo”.⁹ O Espírito também dá à igreja sua identidade distintiva. Ela não é uma aglomeração que tem qualquer tipo de “espírito” como “espírito de equipe”, por exemplo. Em se tratando de igreja, o espírito corporativo não surge das pessoas que pertencem a ela, mas do Espírito que a criou. Novamente citando Jenson,

“A igreja é a comunhão criada pelo Espírito, que cumpre a missão de Cristo, atraindo pessoas ao amor de Deus”

“o milagre da igreja é que seu espírito comunitário é identicamente o Espírito que o Deus pessoal tem e é”.¹⁰

De acordo com alguns intérpretes, o papel do Espírito na igreja tem íntima semelhança com Seu papel na Trindade. O Espírito produz comunhão dentro da própria vida de Deus. Como descreve Jüngel, “o Pai ama o Filho que ama o Pai, e o Espírito Santo é o próprio amor entre eles. O Espírito que procede do Pai e do Filho constitui a unidade do divino, sendo assim o próprio evento do amor”.¹¹

Tais descrições nos ajudam a ter uma visão do papel da igreja na vida divina. Através do Espírito, aqueles que estão “em Cristo” chegam

a partilhar o eterno relacionamento que o Filho desfruta com o Pai. Devido a que os participantes desta nova comunidade são co-herdeiros com Cristo, o Pai lhes confere o que eternamente prodigaliza ao Filho. Pelo fato de estarem em Cristo, pelo Espírito, eles participam no ato da eterna resposta do Filho ao Pai.

Resumindo, a igreja deve sua existência à atividade salvífica de Deus e deriva seu caráter da própria identidade divina. Enviando o Filho e o Espírito, Deus entra no mundo para criar uma comunidade que reflete e amplia o amor que é a própria realidade dEle. Assim, a dinâmica central da comunidade cristã corresponde à dinâmica essencial da própria vida de Deus, e participar da comunidade cristã resulta em nada menos que participar na própria vida de Deus.

Implicações práticas

Perguntas sempre são importantes para a teologia, e no caso da Trindade, são ainda mais importantes. Recusar as reflexões sobre a Trindade como intromissões especulativas na natureza de Deus é muito tentador, embora os pensadores trinitarianos da igreja primitiva tenham firmado sua compreensão de Deus na história da salvação. Quais são as implicações práticas de uma eclesologia trinitariana? Por que é tão importante fundamentar a igreja na própria vida de Deus?

Em primeiro lugar, uma eclesologia trinitariana enfatiza a importância da igreja de Deus. Se os atos de Deus na história da salvação expressam Sua verdadeira natureza, então Ele sempre tem sido relacional, uma comunidade de amor desde a eternidade. Isso significa que Ele cria a partir do amor. Ele abraça o mundo criado dentro da vida divina e, desde o início, torna Sua relação com o mundo o centro de Sua preocupação, como um pai que coloca o bem amado filho no centro de suas atenções. De tal modo Deus valoriza o mundo que ama que até mesmo Se identifica

relacionalmente com ele, sendo Deus de Abraão, Isaque e Jacó, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Além disso, Seu compromisso com a criação é permanente. Tudo Ele faz pelo bem-estar da criação. Isso significa que Deus valoriza imensamente a igreja que, como particular aspecto de Sua criação é objeto de especial atenção. Como afirmou Ellen G. White, a igreja é objeto da “suprema consideração” de Deus.¹²

Nesse caso, a salvação envolve participação na comunhão que define a própria vida de Deus, e por essa experiência o amor de Deus é estabelecido. Portanto, a experiência da salvação é tanto social como individual, com dimensões pública e privada. Ela muda nosso relacionamento com outros e com Deus. Isso expõe a impropriedade de qualquer interpretação individualista da fé cristã. Salvação não é simplesmente, nem primariamente, uma questão entre o indivíduo e Deus. Ela envolve relacionamento com outras pessoas e busca a transformação social, não apenas pessoal.

Também significa que o propósito da igreja devia refletir e projetar o cuidado e a preocupação com outros, assim como Deus faz. À medida que a igreja, a comunidade cristã, incorpora o amor irradiado da vida de Deus, ela provê ao mundo a mais clara manifestação de Seu caráter e natureza, e a mais clara evidência de Sua realidade, evidência mais forte que qualquer argumento filosófico.

Se isso é verdade, o cultivo da verdadeira comunhão, o desenvolvimento de relacionamentos afetivos entre os membros da igreja, é o trabalho mais importante do ministério. O crescimento da igreja não é simplesmente nem primariamente questão de números, mas um assunto de desenvolvimento de relacionamento afetivo e cuidado mútuo entre seus membros, encorajando assim a manifestação das qualidades personificadas na vida de Jesus. Quando os crentes exibem tais qualidades, sua revelação do ca-

ráter de Cristo naturalmente atrairá novos conversos.

Essas reflexões também sugerem que o louvor corporativo é o ato central na vida da igreja. A reunião da comunidade dos crentes para celebrar os feitos amorosos de Deus, para incentivar os crentes a incorporar esse amor em seus relacionamentos, continua emblemática da existência da igreja. Isso celebra, cristaliza, compreende tudo o que a envolve.

Assim, uma apreciação da base trinitariana da igreja nos ajuda a evitar conceitos inadequados e distorcidos sobre ela. A igreja não é uma empresa preocupada com a expansão dos seus membros e recursos. Não é um grupo de indivíduos que aceitam as mesmas crenças. Não é um grupo de pessoas que se reúnem para satisfazer necessidades emocionais. Não é uma reunião de intelectuais que gostam de trocar ideias. Não é uma empresa de *marketing* de alto nível, um clube social, grupo de recuperação ou seminário acadêmico. A igreja é a comunhão criada pelo Espírito Santo, que estende a missão de Cristo ao mundo, atraindo seus membros a um círculo de amor, característico e componente da própria vida de Deus. ■

Referências:

- ¹ Robert W. Jenson, *Systematic Theology* (New York: Oxford University Press, 1997-1999), v. 2, p. 197.
- ² Gerald F. Hawthorne, *The Presence and the Power: The Significance of the Holy Spirit in the Life and Ministry of Jesus* (Dallas, TX: Thomas Nelson, 1991), p. 54.
- ³ Eduard Schweizer, em *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964-1976), v. 6, p. 433.
- ⁴ Richard Rice, *Philosophia: Philosophical Quarterly of Israel*, v. 35, p. 3, 4.
- ⁵ Karl Barth, *Church Dogmatics*, (T&T Clark, 1956), IV/1, p. 193.
- ⁶ Eberhard Jüngel, *God as the Mystery of the World: On the Foundation of the Theology of the Crucified One in the Dispute Between Theism and Atheism* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983), p. 372.
- ⁷ Wolfhart Pannenberg, *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: 1991-1998), v. 1, p. 335, 323.
- ⁸ Jürgen Moltmann, *The Church in the Power of the Spirit* (San Francisco: HarperCollins, 1977), p. 54.
- ⁹ Robert W. Jenson, *Op. Cit.*, v. 2, p. 182.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 181.
- ¹¹ Eberhard Jüngel, *Op. Cit.*, p. 374.
- ¹² Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 12.



Mudanças no culto



Foto: Rafael Fischer (www.iasd.org)

Como tornar nossa experiência de adoração relevante, sem abdicar da fidelidade à teologia

Dois grandes movimentos atualmente se destacam na promoção de mudanças no estilo de culto: O “Pesquisadores de Culto” e o “Louvor e Adoração”. O impacto causado por esses movimentos no contexto cultural pós-moderno tem introduzido novas dinâmicas em muitas congregações. Esse fenômeno deve nos encorajar a examinar mais cuidadosamente a essência do louvor. Infelizmente, a igreja, não raro, tem falhado em articular uma clara teologia de adoração e, como resultado, o debate sobre esse assunto revolve em torno do estilo em vez da substância.



Se é verdade que o desafio diante dos pastores inclui a necessidade de ficar atentos às condições culturais em meio às quais trabalham, eles também devem primar em ter sólido fundamento bíblico. Isso significa que embora não necessitem repudiar a cultura contemporânea para ser fiéis a Deus, também não precisam se conformar a todo aspecto dessa cultura, com o pretexto de conquistar adoradores. O chamado cristão se manifesta alternativamente em abraçar ou repudiar, aceitar ou recusar, conforme os diferentes aspectos do ambiente cultural. Apenas o sólido engajamento teológico pode favorecer essa postura.

Em Apocalipse 14:6, 7, João oferece tal fundamento teológico – uma estrutura integrativa para que os líderes de culto moldem a liturgia autêntica. O texto declara: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo e língua e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas”.

Como pode esse texto ajudar a formar nosso pensamento a respeito do culto? Em primeiro lugar, ele delineia um aspecto-chave do culto que está centralizado no evangelho. Em segundo lugar, nos oferece claras diretrizes.

Evangelho como centro

Apesar de seu forte simbolismo, Apocalipse 14:6, 7 contém uma consideração importante – o “evangelho eterno” (v. 6) constitui a base da verdadeira adoração. Essa ênfase no evangelho reflete a essência da *kerygma* [proclamação] cristã. A boa-nova é que Cristo, através de Sua vitória conquistada na cruz, trouxe salvação a toda humanidade e tornou possível a verdadeira adoração.

No coração do evangelho residem uma cruz glorificada e um sepulcro vazio, mas também um Cristo vivo, prestes a vir, que *agora* ministra no santuário celestial. Ou seja, o culto cristão focaliza não somente o passado, mas o futuro e também o presente: o ministério de Cristo “por nós, diante de Deus” (Hb 9:24). O autor do livro aos hebreus aponta claramente para Cristo que, como nosso “ministro”, nosso liturgista, reúne em Sua pessoa e vida a adoração e as orações de Seu povo. Ele é o Ser a quem nós adoramos e também o Adorador.

Como suprema revelação do Pai (Jo 1:18; Cl 1:15, 16) e único caminho para a salvação, Cristo merece todo louvor e honra, de toda criação. Como mediador da nova aliança, Ele purifica e refina nossa adoração e orações manchadas, para oferecê-las imaculadas ao Pai. Dentro desse ponto de vista, os líderes de culto não atuam como representantes dos adoradores, mas entre eles, em reconhecimento de que um único Sumo Sacerdote ministra em nosso favor, agora, no santuário celestial.

De acordo com essa visão, o evangelho pode ser um poderoso critério libertador para os líderes de culto. Ele coloca as coisas na perspectiva correta, ao nos lembrar que Cristo, não a cultura e suas demandas, é o Senhor. Por negligenciarem o fato de que o culto é nossa resposta às províções redentoras de Deus em Cristo, muitos pastores têm se deixado sobrecarregar e envolver por um sentimento de ansiedade excessiva conso-



ante às formas e acessórios do culto em lugar de seu conteúdo e verdade. Por causa disso, muitos têm sido tragados pelo impulso de projetar uma liturgia antropocêntrica, a fim de atrair pessoas, em vez de centralizá-la no poder transformador que vem da cruz.

Portanto, nunca será exaustivo enfatizar o princípio fundamental de atração no culto: “Cristo, e este crucificado” (1Co 2:1), não nossas inventivas cerimônias nem meros rituais de entretenimento. Assim, a verdadeira liturgia só será possível à medida que focalizar o evangelho, e seu caráter e forma refletirem a libertadora mensagem de Jesus Cristo.

Adorar a Deus não é algo opcional; é um imperativo do evangelho. Apocalipse 14:6 descreve o evangelho eterno como algo que diz respeito e é direcionado ao mundo inteiro: “a cada nação, e tribo, e língua, e povo”. Ao contrário da mentalidade pós-modernista, que tende a transformar o culto em um produto indistinto belamente embrulhado, Apocalipse 14 apresenta um imperativo triplice da verdadeira liturgia: “Temei a Deus... dai-Lhe glória... adorai” (v. 7). Vamos explorar esses princípios.

Imperativos do culto

Temei a Deus. Embora o culto possa facilmente desvirtuar para a preferência pessoal e o preconceito, o anjo insta para que as nações te-

mam a Deus.

A noção bíblica de “temor” (*phobeo*) sugere reverência, respeito e honra para com Deus. Ele é Deus, único e soberano. Nesse sentido, a expressão “temer” nos remete à resposta apropriada à grandeza de Deus, especialmente quando está relacionada a Seus poderosos atos de salvação e julgamento. Temer a Deus não significa “ter medo” dEle, mas levá-Lo a sério. Demanda completa entrega de todos os aspectos de nossa vida a Ele.¹

A noção de temer a Deus pode ser estranha numa época em que falta senso de reverência às cerimônias de culto. Marva Dawn se refere a isso como “a falta pós-moderna de genuíno ‘temor’ a Deus”.² Dawn afirma que a tensão bíblica entre temer e amar está sendo perdida em muitas igrejas, por causa da tendência em favor da graça barata e do amesquinamento da justiça de Deus.³ Como resultado, nos deparamos com cerimônias inspiradas no sentimentalismo morno destinado a fazer os adoradores se sentirem felizes, em lugar de confrontá-los no mais recôndito do seu ser e desafiar sua complacência.

O culto que é moldado tendo em vista apenas o consumidor espiritual será profundamente falho em exaltar o senso da glória e santidade divinas. Tenderá a ser “uma espécie de Jesusolatria sentimental e aconchegante”⁴ e reduzirá o Deus vivo a um Senhor indistinto, ou seja, sem referências explícitas na história bíblica.

Consequentemente, podemos assumir com segurança que um dos critérios bíblicos para nossa era contém um convite para nos sensibilizarmos novamente com o devido senso de temor na liturgia. Esse temor tem que originar-se na compreensão, por parte da comunidade adoradora, de que ela serve a um Deus que é exaltado acima dos céus (Sl 57:11; 108:4). Somente uma teologia que exalte a glória e os propósitos de Deus, juntamente com a presença escatológica do Espírito Santo na comunidade adoradora, pode gerar esse senso de respeito e reverência. Para isso, o imperativo do anjo apocalíptico para temer a Deus incorpora um chamado aos líderes, no sentido de abraçar o paradigma bíblico de um Deus transcendente que é justo e santo.

Dai-Lhe glória. Conforme é visto em Apocalipse 14, glorificar a Deus é o segundo imperativo do culto. Deus criou os seres humanos com o propósito de que estes O glorifiquem (Mt 5:16; Rm 1:21; 1Co 6:20; 10:31; Ef 1:12; Fp 1:11). O anjo convida as nações para temer a Deus e glorificá-Lo, “pois é chegada a hora do Seu juízo” (v. 7). De modo muito claro, o escopo global dessa mensagem angélica recaptura a esperança do Antigo Testamento de que as nações fossem unidas no culto ao verdadeiro Deus. No Salmo 96:7-10, Davi enfatiza esse chamado às nações:

“Tributai ao Senhor, ó famílias dos povos, tributai ao Senhor glória e força. Tributai ao Senhor a glória devida ao Seu nome; trazei oferendas e entrai nos Seus átrios. Adorai o Senhor na beleza da Sua santidade; tremei diante dEle, todas as terras. Dizei às nações: Reina o Senhor. Ele firmou o mundo para que não se abale e julga os povos com equidade.”

Num tempo em que a lassidão e a negligência são celebradas como virtudes, a própria noção de julgamento devia ser muito chocante. Mas, de um lado positivo, o culto pode ser grandemente aperfeiçoado se as congregações forem lembradas de seu compromisso com Deus. Aquele que

inspira e habilita nosso louvor também o julga. Aquele que nos capacita também nos faz responsáveis (Ap 1:10-3:22). Isso é muito importante numa época em que “a falsa adoração é tão possível como a verdadeira, e nem sempre é cristalinamente clara a distinção entre as duas”.⁵

“O verdadeiro culto primeiramente, deve ser focalizado em Deus e, então, ser sensível ao homem”

É interessante notar que a expressão “dar glória a Deus” contém uma tensão dialética que caracteriza o culto equilibrado: reverência e júbilo. Os dois extremos do espectro cristão tendem a abordar um aspecto em detrimento do outro. Os tradicionais têm abordado a reverência, e os carismáticos têm enfatizado o entusiasmo. Os que ficam no meio não raro falham quanto aos dois.

Certamente, apenas um Deus que vem a nós com graça e juízo, justiça e amor pode inspirar tão aparentemente contraditórias e simultâneas respostas como reverência e júbilo. Essa tensão necessita ser conservada viva, para que a adoração permaneça teologicamente sã e experimentalmente significativa.

Adorai. Esse é o terceiro imperativo da adoração. Etimologicamente, o núcleo do significado do verbo “adorar” enfatiza submissão e homenagem.⁶ O significado ultrapassa o uso comum restritivo de cultuar nas cerimônias eclesiais para abraçar toda extensão da “vida cristã e do pensamento e experiência”.⁷

O anjo de Apocalipse 14 mostra o verdadeiro fundamento para o culto divino: a distinção de Deus, como “Aquele que fez os céus, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (v. 7). Aqui, o anjo nos proporciona a lembrança de que devemos adorar a Deus, não apenas porque Ele nos criou, mas porque fomos criados por Ele (Ap 4:11). Isso

não é tudo. O anjo nos insta a louvar a Deus por mais três razões interligadas: Ele é criador, redentor e juiz.

Enquanto nos deparamos com essas três razões para o culto divino, não podemos deixar de notar um paralelo glorioso entre elas e o convite à adoração e obediência encontrado no Decálogo (Êx 20:3-17).

Deus é criador: “porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há” (Êx 20:11). É redentor: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Êx 20:2). É juiz: “porque Eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade... daqueles que Me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que Me amam e guardam os Meus mandamentos” (Êx 20:5, 6).

Se esta moldura teológica, com temas tais como criação, redenção, juízo, escatologia e sábado, formar nosso conceito de adoração, nossa ênfase e nosso estilo de culto serão teocêntricos e escatológicos. Como já foi dito, um dos problemas na adoração contemporânea é sua tendência antropocêntrica. Muitos programas, ideias e ministérios giram em torno da vontade e dos desejos humanos, em vez da primazia de Deus, Seu amor, santidade e justiça. A mentalidade centralizada no homem distorce a natureza do verdadeiro culto, ao tirar Deus do centro. O verdadeiro culto “primeiramente, deve ser focalizado em Deus e, então, ser sensível ao homem”.⁸

Orientações

Com esses critérios bíblicos em perspectiva, oferecemos um conjunto resumido de ideias que necessitam ser consideradas pelas comunidades adoradoras. Acredito que existe urgente necessidade de agir na seguinte direção:

- Mudar do modelo antropocêntrico prevaiente (no qual o ambiente cultural predominante define como o culto é conduzido) para um modelo teologicamente mais robusto (no qual a teologia enfrenta a cultura,

acomodando ou rejeitando seus aspectos variados).

- Modelar as cerimônias litúrgicas, levando em consideração a dimensão escatológica de fé.

- Selecionar e treinar líderes de culto. Alguns deles são bons cantores, mas não bons teólogos. Excelente cântico não significa teologia saudável.

- Manter distância da espiritualidade nebulosa que torna o cristianismo simplesmente uma questão de sentimentos.

- Assegurar-se de que os sermões explorem as excelentes riquezas da verdade bíblica.

- Associar o culto à experiência da vida real, criando espaço na cerimônia, não apenas para celebração, mas também para reflexão, confissão e arrependimento. Existe o perigo de querer que as pessoas estejam sempre alegres e felizes no contexto da adoração, quando elas estão lutando e se ferindo nas batalhas da vida.

- Tornar o culto mais intercultural e intergeracional, em vez de ser seletivo e potencialmente excludente. Cerimônias de tipos variados em estilo, gosto musical, direcionadas a diferentes idades e categorias étnicas, podem levar a muitos caminhos prejudiciais. O melhor caminho é integrar cerimônias nas quais elementos tradicionais, da cultura contemporânea e da inovação possam fertilizar juntos para enriquecer a experiência de adoração. ■

Referências:

- ¹ Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ Commentary on the Book of Revelation* (Berrien Spring, MI: Andrews University Press, 2002), p. 441-443.
- ² Marva Dawn, *How Shall We Worship?* (Wheaton, IL: Tyndale, 2003), p. 49, 50.
- ³ *Ibid.* p. 50-52.
- ⁴ Daniel L. Migliore, *Faith Seeking Understanding: An Introduction to Christian Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), p. 65.
- ⁵ Ian Boxall, *Revelation: Vision Adoration and Insight: An Introduction to the Apocalypse* (Londres: SPCK, 2002), p. 155.
- ⁶ Howard Marshall em *New Dictionary*, 3ª ed. (Leicester: IVP, 2003), p. 1.250.
- ⁷ D. A. Carson, *Worship: Adoration and Action* (Grand Rapids: Baker Book House, 1993), p. 15.
- ⁸ R. Kent Hughes, em D. A. Carson (editor), *Worship by the Book* (Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 151.



Reitor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia e coordenador de Espírito de Profecia na Divisão Sul-Americana

A fórmula do equilíbrio espiritual

Que papéis a Bíblia e a experiência desempenham no crescimento cristão individual

A Reforma Protestante do século 16 estava fundamentada no princípio hermenêutico de *Sola Scriptura*. Muita ênfase foi posta no significado gramático-histórico do texto bíblico. Outras fontes de conhecimento religioso, como tradição, razão e experiência eram consideradas aceitáveis apenas se harmonizassem com o que era compreendido como ensinamentos da Palavra de Deus. Mas, essa abordagem tem perdido muito do seu poder, sob a influência do existencialismo filosófico, teologia do encontro, pentecostalismo e pós-modernismo. Atualmente, muitos cristãos confiam mais na experiência subjetiva que nos ensinamentos objetivos da Escritura.

Os adventistas do sétimo dia se veem como movimento profético no tempo do fim, suscitado por Deus para manter “a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas”.¹ Porém, se é verdade que a religião cristã é uma experiência viva com Deus e lealdade aos ensinamentos bíblicos, que papéis a Escritura e a experiência desempenham na vida cristã? Como podem elas estar integradas de modo a evitar o risco de se enfatizar demasiadamente uma em detrimento da outra? A essas perguntas este artigo pretende responder.

Escritura acima da experiência

Com o passar do tempo, as denominações cristãs tendem a substituir os ensinamentos bíblicos por componentes da cultura contemporânea.² Tentando reverter esse processo,

algumas pessoas acabam suplantando a experiência com uma forte ênfase na Bíblia. Sob esse modelo, a dimensão objetiva da religião fala muito mais alto que a subjetiva, e a obediência a determinado corpo de regras obscurece o relacionamento vivo com Cristo. O resultado natural dessa abordagem pode ser formalismo e legalismo.

Sem dúvida, o conteúdo cognitivo da Escritura desempenha papel fundamental dentro da fé cristã. Paulo argumenta que, para alguém crer em Deus, necessita ter compreensão objetiva dEle (Rm 10:13-15). De acordo com Alister McGrath, “não cremos em Deus; cremos em certas coisas muito definidas a respeito dEle. Noutras palavras, a fé tem conteúdo bem como objeto”.³

Cristo afirmou que Seus genuínos seguidores vivem por “toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4), ouvem Suas palavras e as praticam (Mt 7:24). No Apocalipse, somos advertidos de que “se alguém...

fizer qualquer acréscimo” às palavras proféticas desse livro, “Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa” (Ap 22:18, 19). E Pedro acrescenta: “Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração! (2Pe 1:19). Assim, não temos o direito de desconsiderar as palavras da Escritura, pois ela é a Palavra de Deus em linguagem humana.

Por mais significativas que as doutrinas bíblicas sejam, verdadeira religião é muito mais que convicção intelectual. Significa conversão espiritual que opera de dentro para fora da pessoa (Jo 3:1-21), de modo que ela se torna “nova criatura” (2Co 5:17). Nem racionalismo nem ativismo social podem gerar tal experiência salvadora.

Experiência acima da Escritura

Partindo do formalismo frio da mera religião intelectual, muitos cristãos têm superado o componente cognitivo da Escritura com algum tipo de religião carismática ou existencial. Influente nesse processo foi Martin Buber, no livro *I and Thou*, em que sugere a substituição do relacionamento formal pelo pessoal, ou seja, devemos tratar os indivíduos (e Deus) como *peças* com quem mantemos relacionamentos, não simplesmente como *objetos* de satisfação das nossas necessidades.⁴ Tal abordagem ajudou a formar a chamada “teologia do encontro”⁵ segundo a qual o objetivo é conhecer Deus pessoal e individualmente, não apenas conhecer a respeito dEle.⁶

Muitos cristãos que acreditam ouvir a “voz do Espírito”, mais que o texto bíblico, lhes falando tentam justificar tal atitude com a declaração paulina de que “a letra mata, mas o espírito vivifica” (2Co 3:6). Porém, o contexto da afirmação revela que o apóstolo simplesmente contrasta o velho e o novo concerto. O velho (referido como “a letra”) foi

uma limitada sombra do novo (ver Hb 8). Mas, se assumirmos que o velho concerto foi defeituoso em sua essência, teremos que admitir que Deus estabeleceu um errôneo caminho de salvação para Israel. O problema não foi o concerto, mas sua má interpretação pelo Israel antigo e, depois, pela igreja de Corinto.

Ralph Martin sugere que a “letra” aqui se refere “a alguma interpretação da Torá que prevalecia em Corinto” ou, em outras palavras, “um uso errôneo da lei de Moisés vista como fim em si mesma e que falhou em apreciar seu verdadeiro propósito de conduzir a Cristo (Rm 10:4 – *telos*; Gl 3:24)”.⁷

Apesar das distorções da teologia do encontro e da teologia carismática, a experiência pessoal com Deus é básica para a religião cristã. Em contraste com a ênfase grega de o homem conhecer-se, a Bíblia coloca o relacionamento com Deus como fundamento de todo verdadeiro conhecimento. Isaías convidou Israel: “Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-O enquanto está perto” (Is 55:6). Oséias adicionou: “Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor” (Os 6:3). Jesus declarou que a vida eterna consiste em conhecer Deus, o Pai, e a Ele mesmo, Seu Filho (Jo 17:3). Tal conhecimento inclui profundo aspecto relacional, bem expresso na analogia da vinha e dos ramos feita por Jesus (Jo 15:1-17), na expressão “em Cristo”, empregada por Paulo (Rm 8:1, 39; 16:3, 7, 9, 10; 1Co 1:30; 2Co 5:17; Gl 1:22; 5:6; Ef 1:13) e na menção que João faz a respeito de ter o Filho (1Jo 5:12).

Sabendo que a Escritura e a experiência têm papel fundamental na religião cristã, precisamos considerar mais detalhadamente sua interação com a vida cristã.

Experiência igual à Escritura

Visualizando a necessidade de conservar juntas a Escritura e a experiência, alguns cristãos são tentados a igualá-las. Exemplo disso é o assim chamado “quadrilátero Wesleyano”, no qual Escritura, tradição, razão e

experiência são postas no mesmo nível de autoridade. Entretanto, Donald A. D. Thorsen assinala que a imagem de um quadrilátero pode não ser a melhor representação da teologia de Wesley:

“Se alguém insiste em escolher uma figura geométrica como paradigma para Wesley, um tetraedro – uma pirâmide tetraédrica – seria mais apropriado. A Escritura serve como fundamento da pirâmide, com os três lados formados pela tradição, razão e experiência como fontes complementares, não primárias, de autoridade religiosa.”⁸

Toda tentativa de promover a experiência ao nível da Escritura cria algum tipo de lealdade dividida, na qual algumas vezes a Escritura supera a experiência que, em outras vezes, pode superar a Escritura. Haverá ocasiões em que a razão humana e o gosto pessoal decidirão qual desses elementos deverá ter primazia. Assim, os ensinamentos da Bíblia com os quais alguém concorda são reconhecidos como normativos. As partes da Bíblia tidas como absurdas ou desagradáveis são consideradas culturalmente condicionadas e obsoletas. Embora a autoridade da Escritura seja compreendida, não raro ela é suplantada pela experiência.

Contrário à teologia do encontro e à teologia carismática, que tendem a substituir a Escritura pela experiência, o texto bíblico parece ser levado mais a sério na hermenêutica pós-moderna. Porém, ao empregar o “criticismo orientado para o leitor” em ligação com a Escritura,⁹ a abordagem pós-moderna está preocupada não tanto com o que o texto bíblico diz ou como era compreendido pelos leitores originais, mas como as pessoas hoje o compreendem e o que ele significa para elas. Ao mudar o foco da Escritura para o leitor, os pós-modernistas abrem o texto bíblico a muitas interpretações subjetivas, todas igualmente válidas. Consequentemente, já não há uma clara e consistente Palavra de Deus, mas muitas palavras conflitantes atribuídas a Ele.

Falando sobre “relevância e ambiguidade da experiência”, Anthony C. Thiselton menciona que “se a experiência é abstraída da Escritura, ela é capaz de interpretações diversas e instáveis”.¹⁰ Para evitar esse perigo, temos que considerar o que a Bíblia tem a dizer a respeito de si mesma e seu relacionamento com a experiência.

Escritura e experiência

A Bíblia estabelece que nossa experiência com Deus tem que ser informada e mediada por Sua Palavra escrita. No livro dos Salmos, a Palavra de Deus é chamada de “lâmpada” para nossos pés e “luz” para nossos caminhos (Sl 119:105). De acordo com Jesus, Seus seguidores devem viver “de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). E Paulo explica: “Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas” (Rm 10:13-15).

Esses e outros convites bíblicos para vivermos pela Palavra de Deus implicam que a Palavra precede a experiência. De acordo com Arthur Weiser, “fé é sempre a reação do homem à ação primária de Deus”.¹¹

As evidências bíblicas indicam que a “palavra” pela qual devem viver os cristãos não é uma impressão subjetiva do Espírito Santo na consciência deles, mas refere-se às vozes proféticas objetivas relatadas nas Escrituras. Isaías adverte: “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (Is 8:20). E Pedro acrescenta: “Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração, sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais

qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:19-21).

Mesmo aceitando a primazia da Escritura sobre a experiência, muitos cristãos hoje leem a Bíblia não mais para aprender a verdade, mas apenas para nutrir seu relacionamento místico com Cristo.¹² A obediência aos componentes éticos da Bíblia é considerada derivação espontânea de um relacionamento com Jesus. Os componentes que não se enquadram nesse conceito são considerados insignificantes e irrelevantes. Por mais atraente que seja essa noção, precisamos compreender que a aceitação de Cristo como Salvador não leva alguém automaticamente a seguir certos componentes do estilo de vida cristão como guarda do sábado, entrega do dízimo e reforma de saúde. Quando alguém aceita Cristo, o princípio e a motivação para obediência são implantados em sua vida (Fp 2:13), não dando margem a qualquer mérito humano da salvação. Mas, a obediência em termos concretos tem que ser aprendida nas Escrituras.

A Bíblia declara que Jesus “crescia em sabedoria” (Lc 2:52). Ellen G. White menciona que “dos lábios dela [Maria] e dos rolos dos profetas, [Jesus] aprendeu as coisas celestiais”.¹³ E Paulo aconselhou a Timóteo nos seguintes termos: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste. E que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3:14, 15). Isso significa que o conhecimento salvador de Deus deve ser aprendido da Escritura e praticado na vida diária.

Palavra eterna

Desde que a verdadeira religião cristã é uma experiência pessoal com Deus e com os semelhantes (Mt 22:34-40), não podemos descartar seu elemento experimental sem arruinar nossa religião completa. Po-

rém, muitos cristãos atuais aceitam uma abordagem de experiência que deixa as Escrituras abertas a muitas interpretações subjetivas. Aqueles que apoiam o princípio *Sola Scriptura* jamais considerarão a experiência como tendo o mesmo valor, ou até mais valor, que a Escritura. O mesmo Espírito que inspirou os profetas canônicos guiará os crentes à completa conformidade com a Palavra de Deus. “Quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade” (Jo 16:13). “Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade” (Jo 17:17). Em outras palavras, nossa experiência deve ser mediada e guiada pela Escritura. Nossa experiência pessoal com Deus, em vez de nos afastar de Sua Palavra, crescerá cada vez mais intimamente com ela.

Pensamento independente é considerado característica básica da pessoa amadurecida. Porém, ao mesmo tempo, maturidade cristã também significa crescente dependência de Deus e Sua Palavra. ■

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 595.
- ² Jacques Ellul, *The Subversion of Christianity* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986).
- ³ Alister McGrath, *Understanding Doctrine: Its Relevance and Purpose for Today* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1990), p. 39.
- ⁴ Martin Buber, *I and Thou* (New York: Charles Scribner's Sons, 1970).
- ⁵ Charles B. Ketcham, *A Theology of Encounter: The Ontological Ground for a New Christology* (University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 1978).
- ⁶ Herold Weiss, *Spectrum* 7, n° 3, 1975, p. 53.
- ⁷ Ralph Martin, *2 Corinthians* (Word Biblical Commentary; 52 v.; Waco, TX: Word Books, 1986), v. 40, p. 55.
- ⁸ Donald A. D. Thorsen, *The Wesleyan Quadrilateral: Scripture, Tradition, Reason & Experience as a Model of Evangelical Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992), p. 71.
- ⁹ Edgar V. McKnight, *Postmodern Use of the Bible: The Emergence of Reader-oriented Criticism* (Nashville, TN: Abingdon, 1988).
- ¹⁰ Anthony C. Thiselton, *The hermeneutics of Doctrine* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007), p. 451, 453.
- ¹¹ Arthur Weiser, em Gerhard Friedrich, ed., *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1968), v. 6, p. 182.
- ¹² Morris Venden, *Love God and Do as You Please: A New Look at the Old Rules* (Nampa, ID: Pacific press, 1992).
- ¹³ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 70.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

O papel bíblico do pastor

Cinco fundamentos do ministério pastoral efetivo

O que faz um pastor? Acaso, existe uma descrição bíblica do trabalho pastoral? Depois que concluí o seminário e recebi minha primeira igreja, perguntei a muitos pastores experientes a respeito desse assunto. Um deles me respondeu: “Saia e faça o povo feliz”. Outro me animou a visitar e visitar cada vez mais. Ainda outro me

ensinou que o principal trabalho do pastor é conquistar novos crentes.

Porém, existe um modelo escriturístico que possa nos ajudar a compreender o papel do pastor? Após muitos anos de observação e cuidadoso exame da literatura especializada, encontrei dois distintivos papéis pastorais: tradicional e contemporâneo.

Papéis tradicional e contemporâneo

Durante muitos séculos, as pessoas viam o pastor como um servo prestador de cuidados a quem competia fazer o seguinte:

- Ensinar e pregar doutrinas tradicionais.
- Visitar, aconselhar, confortar e satisfazer as necessidades do povo.
- Realizar rituais, como apresentação de crianças, batismo, casamento e funeral.
- Administrar, que inclui organização de programas e reuniões, cuidar de boletins, promover e fazer evangelismo.
- Servir como embaixador da igreja diante da comunidade.

Durante muitos séculos, os pastores fizeram isso. Porém, lá pelos anos 70 e 80, uma nova compreensão começou a ganhar força. Muitos escritores e pastores de megaigrejas passaram a ver o papel do pastor como um líder executivo, que partilha uma visão, reúne e motiva pessoas a levar essa visão.

A maioria dos livros sobre crescimento de igreja e liderança, hoje, argumenta que se os pastores continuarem a fazer o que têm feito durante anos, eles falharão. Greg Ogden propõe que o pastor deve ser um líder visionário que forma outros líderes, capta a visão e muda a cultura e a estrutura da igreja, fazendo tudo isso com o olho na missão, no evangelismo e no crescimento.¹

Embora sejam novas, compreensivas e benéficas, essas ideias são teologicamente fracas. O antigo modelo do servo prestador de cuidados não favorece o crescimento, mas cria uma cultura de pessoas dependentes do pastor, que é inconsistente com os princípios bíblicos do sacerdócio de todos os crentes. Também encoraja as pessoas a focalizar suas necessidades e, assim, impede o crescimento do reino de Deus.

O novo modelo do líder executivo mistura algumas noções bíblicas e adaptação de práticas administrativas seculares. A maioria dos livros sobre crescimento de igreja é cons-

tituída basicamente de livros sobre liderança adaptados à igreja.

Porém, muitos perigos nos espreitam atrás desse modelo. Primeiro, ele pode levar o povo a seguir uma personalidade carismática em vez de princípios bíblicos. Segundo, também focaliza necessidades da igreja local, em detrimento da igreja mundial. A ênfase desse modelo se torna a construção da megaigreja em lugar de uma igreja saudável. Finalmente, qualquer modelo que adotemos necessita de fundamento bíblico e teológico.

Assim, o que devemos fazer, como pastores? A resposta pode ser encontrada no ministério de Jesus. O Novo Testamento revela que Jesus fez cinco coisas, conforme analisaremos a seguir:

Comunhão com o Pai

As Escrituras nos mostram que Jesus determinou como prioridade máxima de Sua vida o gasto de tempo sozinho com o Pai. Sua vida revela intensa paixão pela presença de Deus. Seu coração anelava e sentia fome de estar em sintonia com o coração de Deus. Note os seguintes incidentes:

- “Naqueles dias, retirou-Se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus” (Lc 6:12).
- “E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Em caindo a tarde, lá estava Ele, só” (Mt 14:23).

• “Tendo-Se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava” (Mc 1:35).

A vida de Jesus foi de muita oração. Ele começava e terminava cada dia em relacionamento íntimo com o Pai celestial. Às vezes, passava toda a noite em comunhão. Realmente, Jesus estava sintonizado com Deus durante todo o tempo.

A primeira coisa que Jesus fazia diariamente era encher o reservatório de Seu Ser com a presença do Pai; então, vivia com o Céu em mente ao longo do dia. Administrava Seu tempo movendo-Se do ser para o fazer. Seu Ser estava em constante união com o Pai e experimentando a alegria da filiação divina. Sua conduta estava centralizada em fazer a vontade do Pai. Porque vivia no



Pai e o Pai vivia nEle, recebia graça e poder para que Suas obras fossem poderosas e efetivas.

No livro *Caminho a Cristo*, escreve Ellen G. White: “Sua humanidade tornou-Lhe a oração uma necessidade, e privilégio. Encontrava conforto e alegria na comunhão com o Pai. E se o Salvador dos homens, o Filho de Deus, sentia a necessidade de orar, quanto mais devemos nós, débeis e pecaminosos mortais que somos, sentir a necessidade de fervente e constante oração!”²

E mais: “Consagrai-vos a Deus pela manhã; fazei disto vossa primeira tarefa. Seja vossa oração: ‘Toma-me, Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.’ Essa é uma questão diária. Cada manhã consagrai-vos a Deus para esse dia. Submetei-Lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de se executar, conforme o indique a Sua providência. Assim dia a dia podereis entregar às mãos de Deus a vossa vida, e assim ela se moldará mais e mais segundo a vida de Cristo.”³

Quando o pastor mantém uma vida de oração, à semelhança de Jesus, e se submete ao discipulado, prontificando-se a receber informação espiritual, Deus o usará para fazer da igreja um santuário para vidas transformadas, como disse Jesus: “A Minha casa será chamada casa de oração” (Mt 21:13). Assim, a igreja é o instrumento para levar pessoas ao trono da graça, para que elas experimentem a presença de Deus e recebam Seu poder.

Infelizmente, muitos técnicos têm invadido a igreja com programas e ideias, transformando-a em uma instituição humana em lugar do corpo vivo de Cristo. Quando nossa vida está ligada ao Pai celestial, a igreja se torna um santuário de oração, força e habitação da presença do Senhor.

Pregação do evangelho

Frequentemente, Jesus proclamava a mensagem do amor de Deus.

Ao descrever Sua missão terrestre, Ele disse: “O Espírito do Senhor está sobre Mim, pelo que Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos” (Lc 4:18). Disse Mateus: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.” (Mt 9:35).

Todos os dias, Cristo ensinava às pessoas transmitindo-lhes a orientação da Palavra, chamando-as a confessar seus pecados e experimentar nova vida. O ministério da Palavra sempre transforma vidas. Pela Palavra de Deus, o mundo veio à existência e Cristo foi levantado da sepultura. É a Palavra que nos devolve a saúde espiritual e dá sentido à vida. Desde Sua infância, Jesus Cristo desenvolveu intenso amor pelas Escrituras. Ele as aprendeu e ensinou com poder e autoridade (Lc 2:46-50). Seu amor ao Pai O motivava a ler o sagrado livro e aprender qual era a vontade deste.

O pastor deve sempre levar as pessoas a melhor compreensão da Palavra de Deus. Note os seguintes benefícios espirituais vitais que a Palavra de Deus nos outorga: Ela nos dá vida (Fp 2:16), justifica (1Co 15:1, 2), produz crescimento espiritual (1Pe 2:2), santifica (Jo 17:7) e nos torna sábios (Sl 119:98).

Apesar disso, com frequência, reduzimos as Escrituras a mera informação. Paulo nos lembra que elas possibilitam nova vida em Cristo Jesus. Também advertiu a Timóteo para que não descuidasse da leitura pública e exposição das Escrituras (1Tm 4:13). Na segunda epístola a esse seu companheiro de lutas, o apóstolo lembrou que toda Escritura é divinamente inspirada “e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3:16).

“Não é tanto de conhecimento teórico que precisas, mas de regeneração espiritual. Não necessitas

satisfazer tua curiosidade, mas ter um novo coração. É necessário que recebas nova vida de cima, antes de te ser possível apreciar as coisas celestiais. Antes que se verifique essa mudança, tornando novas todas as coisas, nenhum salvador proveito tem para ti o discutir comigo Minha autoridade ou missão.”⁴

É tempo de parar a discussão sobre o que cremos e começar a focalizar que diferença isso faz em nossa vida. Precisamos de mais renovação espiritual do que conhecimento. Devemos estudar a Bíblia, não para satisfazer curiosidades, mas em busca de um novo coração. Isso resume a essência do poder da Palavra. Cristo não pregou sobre sociologia, política ou psicologia. Ele pregava a Palavra. Por essa razão, Seus ensinamentos continham poder e autoridade.

Satisfação de necessidades

Com frequência, a Bíblia diz que Jesus, ao ver as multidões “compadeceu-Se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9:36). Ele amava as pessoas, sabia que Deus Se importava com os perdidos; portanto, Ele também Se importava com eles.

“Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’.”⁵

O método de Cristo inclui a construção de relacionamentos e satisfação de necessidades. A primeira coisa que Jesus fazia era misturar-Se com as pessoas, manifestando sincero interesse pelo bem-estar delas. Em assim fazendo, Ele tocava seu coração. A segunda coisa que Ele fazia era lhes mostrar simpatia. À medida que fazia isso, reunia-Se com elas em seus afazeres diários manifestando interesse em seus negócios seculares. A terceira coisa que o Mestre fazia era ganhar a confiança das pessoas. Depois que

construirmos relacionamento, satisfizemos as necessidades e tocamos o coração das pessoas com quem entramos em contato, então, podemos convidá-las para seguir a Jesus.

Note os passos progressivos que Cristo deu na tarefa de testemunhar: Começou misturando-se com os indivíduos e terminou chamando-os para ser discípulos.

Discipulado

Tão logo iniciou Seu ministério público, Jesus chamou e capacitou doze homens como Seus discípulos – doze homens que deviam defender Sua causa evangelística. De acordo com Robert Coleman, “Sua preocupação não era com programas para alcançar multidões, mas com homens a quem as multidões deviam seguir... Homens eram Seu método de conquistar o mundo para Deus”.⁶

A sabedoria de Seu método estava centralizada no princípio da utilização desses homens para transformar multidões; não programas nem eventos massivos. Falando teologicamente, essa sempre tem sido a metodologia de Jesus. Ele desafiou Seus discípulos para essa causa, ao dizer: “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a Sua seara” (Lc 10:2).

Cristo está dizendo que temos um problema numérico. Precisamos de mais trabalhadores, mais discípulos, para fazer a colheita e, assim, fazer discípulos. Nosso papel é orar pela colheita e, especialmente, pelos ceifeiros. O papel de Deus é nos enviar indivíduos que se tornarão novos ceifeiros.

A necessidade de fazer discípulos é tão fundamental que Jesus investiu três anos e meio, em tempo integral, na prática do discipulado. Na verdade, se Ele não tivesse feito discípulos, não haveria igreja hoje.

Serviço e sacrifício

Há duas importantes verdades a respeito de Cristo. A primeira delas é que Ele foi um líder servo. Nenhum

estudo sobre liderança cristã estará completo, a menos que estudemos a vida de serviço e sacrifício de Cristo. “Pois o... Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mc 10:45). “Pois, no meio de vós, Eu sou como quem serve” (Lc 22:27). O Rei do Universo não estava em busca de autoglorificação, autossatisfação, poder ou domínio. Ele veio para servir, e ministrar às necessidades humanas.

A segunda é que Ele deu Sua vida em sacrifício vivo para nos redimir. Jesus viveu, sofreu e morreu. Da agonia do Getsêmani à morte no Calvário, Deus pagou o preço da nossa redenção. Na realidade, o infinito preço pago por nossa redenção deve nos dar uma ideia de quão valiosos somos para Ele. Cristo declarou: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). Deus Se importa com os perdidos. Desse modo, se eu for um genuíno pastor e discípulo de Cristo, me importarei também com os perdidos. O papel do pastor é instilar esse valor no coração das pessoas em sua congregação.

Essa vida sacrificial se manifesta em dois níveis. O primeiro é a vida de doação de tempo, recursos e da própria vida. O segundo é o de entregar nossa vida em sacrifício, até a morte. Deus nos chama para viver a vida que Jesus viveu. O ministério pastoral não é algo para nos satisfazer egoisticamente, mas para conhecer e servir a Cristo.

O que faz um pastor? Primeiro e acima de tudo, necessitamos aprofundar nosso relacionamento com o Pai, através da oração. Então, seremos capacitados para pregar o evangelho do reino de Deus e formar líderes que se interessam pelas necessidades alheias. Na igreja, a liderança autêntica é caracterizada pelo serviço. Nosso Mestre veio para servir, não para ser servido. Veio para dar Sua vida em sacrifício e nos convida para fazer o mesmo. ■

Referências:

¹ Greg Ogden, *Unfinished Business* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003).

² Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, p. 94.

³ *Ibid.*, p. 70.

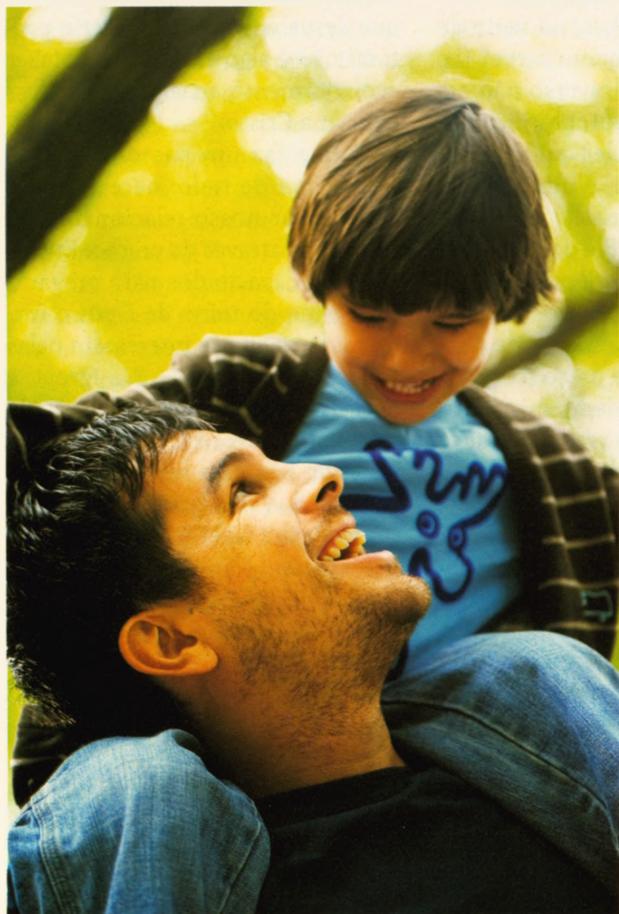
⁴ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 171.

⁵ _____, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.

⁶ Robert Coleman, *The Master Plano of Evangelism* (Old Tappan, NJ: Spire Books, 1963), p. 21.



Do coração de um filho



Meu pai é pastor. Poucas vezes, ouço as pessoas chamarem seu nome; afinal, para todos, ele é o pastor. Cuida de igrejas, e elas requerem muito de seu tempo e atenção.

Muitas vezes, ele tem que interromper uma refeição porque alguém chegou ou telefonou. Outras vezes, ele é chamado no meio da noite. Percebo que se arruma e sai. Quando acontece de eu perguntar aonde ele vai, a resposta é quase sempre a mesma: Vou à igreja, vou fazer visitas...

Confesso que, às vezes, me sinto enciumado, pois outros parecem ter mais dele do que nós temos. Gostaria que tivesse mais tempo para brincar comigo. Porém, reconheço que muitas vezes, mesmo estando cansado, ele se esforça para brincar comigo, somente para me fazer feliz.

Sua presença significa proteção, segurança e amor. Não tenho medo quando ele está perto.

Sábado, eu o ouvi pregar. Embora fosse aniversário da igreja, seu sermão foi muito mais que palavras

de gratidão. Eu ouvia tudo e via as pessoas concordarem balançando a cabeça. Lembro-me bem de uma frase: "Pessoas lembradas são pessoas de cuja vida não apenas a igreja fez parte, mas que fazem parte da vida da igreja."

Na saída, ouvi pessoas agradecerem pelo sermão. Ele não sabe, mas eu me senti orgulhoso dele.

Certo dia, o acompanhei a uma de suas conferências. Vi muitas pessoas interessadas em ir para o Céu e saí preocupado com outras que ainda precisam se arrepender dos pecados.

Sempre que o vejo preocupado, logo penso: "Acho que está enfrentando problemas ou está envolvido em alguma programação especial". Às vezes, até acho que ele nem dorme; pois, quando eu vou dormir ele está acordado, quando eu acordo, ele já está em pé.

Ao ver mamãe arrumar sua mala, sei que ele vai viajar. E, sem ele, a casa fica muito vazia. Ele faz muita falta. Mas, sei que, mesmo distante, ele pensa em mim, porque sempre telefona para saber como eu estou e diz que logo vai voltar. Então, espero ansioso sua volta.

Hoje, acordei cedo e fui procurá-lo no escritório. Ao entrar, notei que ele estava ajoelhado orando. Fiquei ali parado observando e pensei: "O que se-

rá que papai está falando com Deus?" Seja lá o que for, a conversa foi muito longa. Quando terminou, me aproximei, e ele disse: "Oi, filho!" Percebi que sua voz estava diferente. Acho que ele estava chorando.

Meu pai realmente precisa de Deus, porque todos esperam muito mais dele que das outras pessoas.

Às vezes, as pessoas não entendem que aquele homem que faz sermões, orações, visitas, batismos, santa ceia, é um homem comum que, em casa, senta e rola no chão brincando comigo, dá gargalhadas e ajuda mamãe a lavar louça.

Peço a Deus que continue ajudando meu pai, que ele tenha saúde, continue sendo a pessoa maravilhosa que é e tenha vida longa.

Ainda não sei o que serei quando crescer. Mas, não importa o que eu seja, eu sei que terei muito de você. Confesso que quero ser como você.

Se eu for cuidar de igrejas e das coisas de Deus, que eu cuide como você cuida. Ao cuidar da esposa, que eu cuide como você cuida da mamãe.

Se eu for cuidar de crianças, que eu cuide como você cuida de mim.

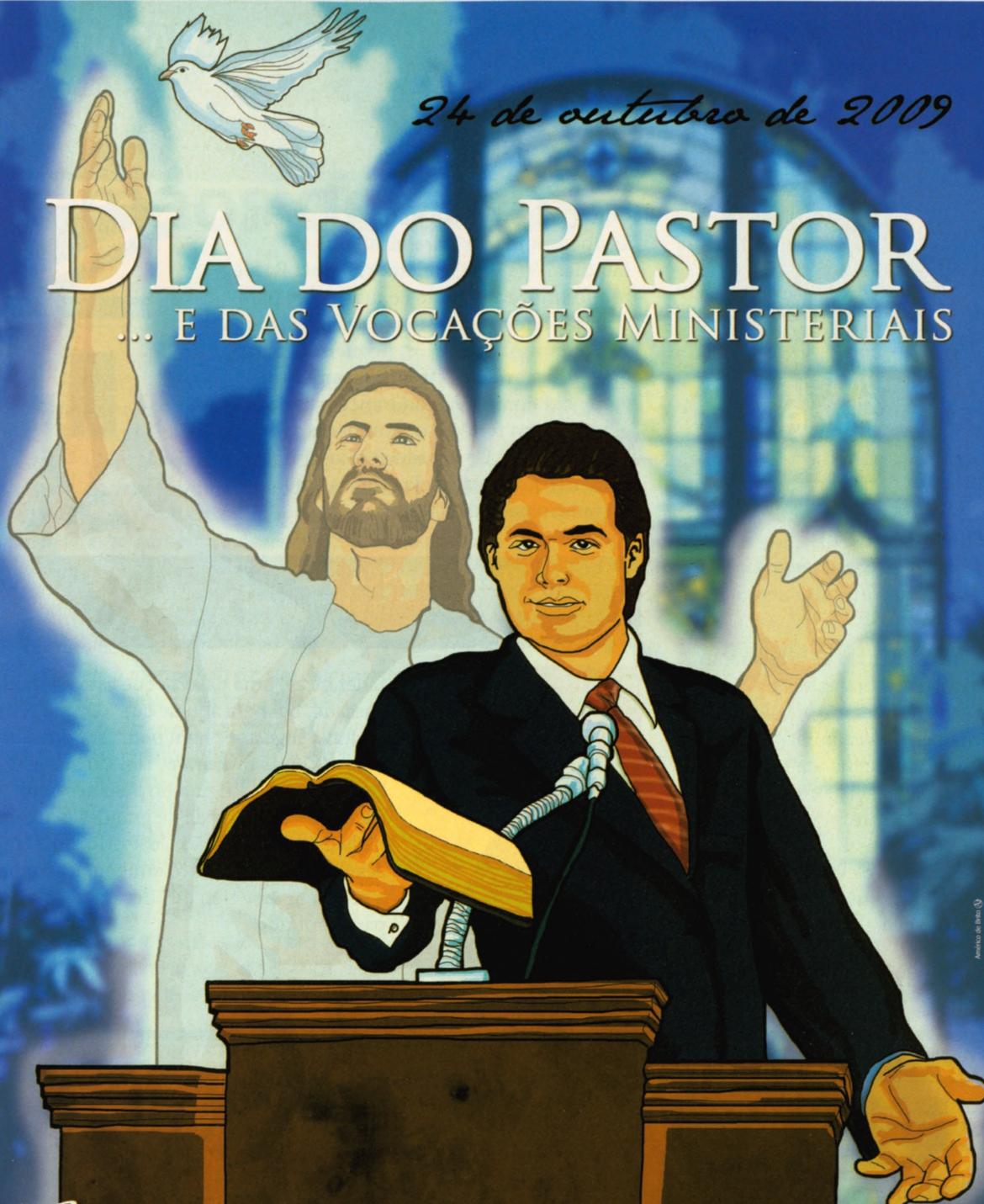
Sei que vou crescer, mas não quero que você deixe de ser meu herói.

Parabéns, papai. Feliz dia do pastor! – *Enoque Reis* ▀

24 de outubro de 2009

DIA DO PASTOR

... E DAS VOCAÇÕES MINISTERIAIS



"Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!" - Romanos 10:15



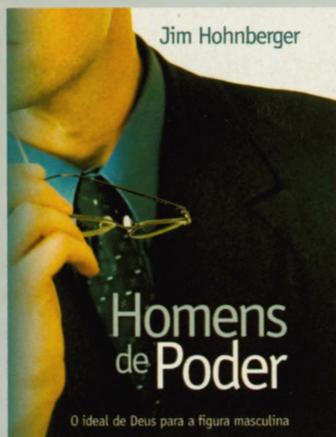
DIVISÃO SUL AMERICANA



ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL

Arquivo de Fotos U

RECURSOS



HOMENS DE PODER

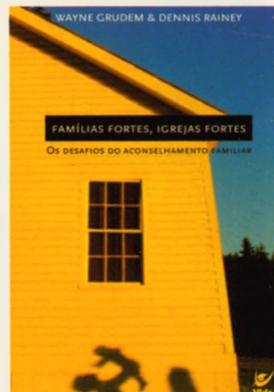
Jim Hohnberger, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 970606; 255

Nesta era de excesso de informação e estímulos sensoriais, seria impossível recuperar o legado da verdadeira masculinidade? Deveriam os homens aceitar o fato de que têm sido subestimados? Jim Hohnberger responde com um “não”. Com base em sua própria experiência e na de outros homens, ele mostra como recuperar seu legado. Isso não é tão difícil. Nenhum homem precisa deixar seu tesouro enterrado.

FAMÍLIAS FORTES, IGREJAS FORTES

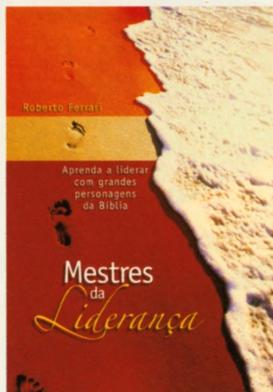
Wayne Grudem e Dennis Rainey (organizadores), Editora Vida, São Paulo, SP; tel.: (11) 6618-7000, www.editoravida.com.br, 335 páginas.

Como enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades para ministrar às famílias? Wayne Grudem e Dennis Rainey reuniram treze cristãos experientes para abordar questões bastante atuais, como: a vida conjugal do pastor, pequenas coisas que edificam ou destroem casamentos, violência doméstica, liderança masculina e bom senso feminino, homossexualidade, e muito mais. De acordo com os autores, somente teremos igrejas fortes com o fortalecimento das famílias.



MESTRES DA LIDERANÇA

Roberto Ferrari, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 970606; 104 páginas.



Liderança é uma palavra que está na moda. No passado, líder era aquele que “dava ordens”, não aceitava sugestões nem podia ser questionado. Mas as coisas mudaram. Hoje, o que está em destaque é a figura do líder servidor, exemplificada na vida de grandes personagens bíblicos, como Abraão, José, Moisés, Davi e Jesus. Neste livro, você também é estimulado a se tornar esse tipo de líder e ser uma bênção para o mundo.

VEJA NA INTERNET www.renas.org.br



O site da Rede Evangélica de Ação Social reúne cerca de cem organizações de assistência social do Brasil. Tem aparência bem simples, mas apresenta grande quantidade de informações e materiais que podem servir de subsídios para sermões, palestras, publicidade, ou mesmo para ajudar na montagem de projetos de apoio ou inclusão social.

Na barra de links, logo abaixo do logotipo Renas, estão as seções: **Informação** – nela se destacam os links: *Números* (são estatísticas), *Recortes* (o que saiu na imprensa, geralmente religiosa) e *Links Recomendados*. **Capacitação** – veja os conteúdos de: *Artigos*, *Boas Práticas* e *Recursos*. **Edificação** – *Artigos*, *Frases* (ótimas) e *Pastorais*. – Márcio Dias Guarda



As mãos de Deus

Quando vejo o campo sem arar, me pergunto: Onde estão as mãos de Deus?

Quando vejo a injustiça, a corrupção, a exploração do fraco, quando vejo o prepotente, pedante, enriquecer-se à custa do ignorante e do pobre, do operário e do camponês carente de recursos para defender seus direitos, me pergunto: Onde estão as mãos de Deus?

Quando vejo a idosa esquecida, me pergunto: Onde estão as mãos de Deus?

Quando vejo o moribundo em sua dolorosa agonia, me pergunto: Onde estão as mãos de Deus?

Quando olho um jovem, anteriormente forte e decidido, agora embrutecido pela droga e pelo álcool, quando vejo titubeante o que era, antes, uma inteligência brilhante transformada em farrapos sem rumo nem destino, me pergunto: Onde estão as mãos de Deus?

Quando aquele garoto me pede para comprar seu jornal, o doce de sua miserável cesta, quando o vejo dormindo, tiritando de frio sob a marquise, com o frágil corpo coberto por alguns jornais, quando seu olhar me pede um carinho, quando o vejo sem esperança, vagueando na companhia de um vira-latas, me pergunto: Onde estão as mãos de Deus?

Certo dia, Lhe perguntei diretamente: Onde estão Tuas mãos, Senhor, para lutar por justiça, dar carinho, conselho ao abandonado, libertar a juventude das drogas, para dar amor e ternura aos esquecidos? Depois de um longo silêncio, O ouvi responder: “Não percebes que és Minhas mãos? Dispõe-te a usá-las para o que foram feitas: dar amor e alcançar estrelas.”

Cristo ilustrou esse princípio. Certo homem ia de Jerusalém para Jericó e teve que passar por uma região deserta. Ali, foi assaltado, despojado de todo elemento de valor, deixado ferido e quase morto.

Foi nessas circunstâncias que apareceu um sacerdote que apenas lhe dirigiu um olhar. Como a lei sacerdotal indicava que se alguém tocasse um corpo morto não podia atuar, durante algum tempo, nas cerimônias religiosas,

preferiu atender aos reclamos cerimoniais em vez de socorrer o necessitado.

Pouco depois, aproximou-se um levita. Acostumado a ensinar os outros a fazer o bem, ele bem conhecia seu dever. Tinha gravado na pulseira ou no colar o princípio de amar a Deus e ao semelhante, porém não o tinha internalizado no coração. Comportou-se desonesta e covardemente, cuidou de sua pessoa e evitou o moribundo.

Também passou por ali um samaritano, que figurava entre os mais desprezíveis naquela comunidade. Compadeceu-se do ferido, não lhe perguntou se era judeu ou não. Judeus e samaritanos não se falavam e, talvez, em outras circunstâncias, o tivesse desprezado e seguido seu caminho. Também não avaliou os perigos a que provavelmente se expunha. Colocou seu tempo, recursos e habilidades à disposição do necessitado, providenciando-lhe os primeiros socorros. Cobriu-o com as próprias vestes.

Para curar e refrigerar o ferido, usou a porção de azeite e vinho que levava consigo. O animal em que viajava serviu de ambulância para transportar o pobre homem até um lugar onde o abrigou numa hospedaria. Pagou a diária e ainda fez provisão adicional. Caso fossem necessárias mais despesas, ao regressar, o bom samaritano tudo pagaria.

Quem é o próximo? Até o doutor da lei o entendeu. Não mencionou o nome da nacionalidade, mas reconheceu que “o próximo” foi aquele que agiu com misericórdia. Em geral, pensamos que o próximo é o outro. Porém, a Bíblia ensina que eu sou o próximo, o que está mais perto do outro.

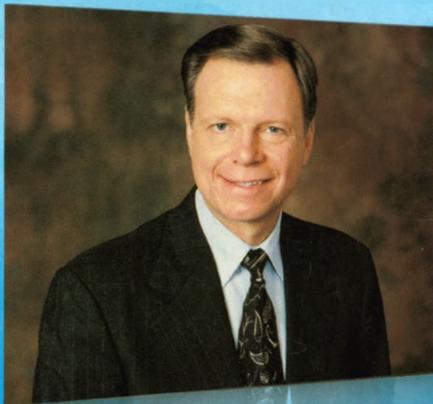
Assim, a pergunta: “Quem é o meu próximo?” está para sempre respondida. Cada um de nós é o próximo de todo aquele que necessita de empatia. Essa é a essência do nosso ministério. Devemos estar a serviço do próximo, amá-lo e amar a Deus, motivados pelo mandato bíblico. Vivamos amando, servindo, levando esperança e salvação, agradecidos pelo imenso privilégio de ser as mãos de Deus. ■

Prepare-se, faça parte e envolva os líderes de cada igreja nesta Missão.

FUTURO COM ESPERANÇA

24-31
de
OUTUBRO

de Brasília para sua igreja



Pr. Mark Finley

Participação especial: Arautos do Rei

Centro de Convenções Ulysses Guimarães

Transmissão via Canal Executivo, às 19h30*

 Tv Novo Tempo e  141, às 21h30*

Mais informações: www.portaladventista.org

*Horário de Brasília

